

Desvendando Mistérios de Locais Antigos



Primeiro Ano
Edição de Aniversário



Desvendando Mistérios de Locais Antigos



www.Ancient-Origins.net



Primeiro Ano - Edição de Aniversário

2014

Versão em Inglês publicada em 22 de Fevereiro de 2014 para celebrar o Primeiro Aniversário de www.Ancient-Origins.net.

A publicação deste e-book não seria possível sem a contribuição de autores e escritores que apoiaram Ancient Origins desde o início.

Agradecimentos:

Brien Foerster, Maria Wheatley, Steven and Evan Strong, Dra. Rita Louise, Gregory Sams, Hugh Newman, Lucy Wyatt, Margaret Moose, Dr Derek Cunningham, April Holloway

Notas da Versão em Português Brasileiro:

Marcio Godinho – tradução e adaptação

marciogodinho@gmail.com

www.arqueologiafamiliar.com.br

www.facebook.com/arqueologiafamiliar

Fortaleza – Ceara – Brasil – 13 de Outubro de 2014.

www.Ancient-Origins.net

[Facebook](#) – [Google+](#) – [YouTube](#) – [Twitter](#) – [Tumblr](#)

Índice

Foram as Antigas Torres Funerárias de Sillustani, Peru, Originalmente Parte de um Sistema de Energia? – <i>Brien Foerster</i>	1
Harã – cidade de Abraão – <i>Lucy Wyatt</i>	12
O Cenário Stonehenge - uma perspectiva mais ampla – <i>Maria Wheatley</i>	19
Uma grande descoberta jamais feita – <i>Gregory Sams</i>	35
Origem Megalítica: Göbekli Tepe e Peru Antigo – Os Mesmos Arquitetos? – <i>Hugh Newman</i>	41
Antibióticos de Ontem: Procedimentos Médicos Antigos que Ainda Estarrecem os Cientistas – <i>Dra. Rita Louise</i>	58
Jezabel Virgem de Baal, Princesa de Tiro, Rainha de Israel – <i>Margaret Moose</i>	65
As pedras que desafiam a história convencional – <i>Steven e Evan Strong</i>	78
O Antigo Labirinto de Pedra de Bolshoi Zayatsky – <i>April Holloway</i>	88
A Caverna de Lascaux Fala – <i>Derek Cunningham</i>	96

Foram as Antigas Torres Funerárias de Sillustani, Peru, Originalmente Parte de um Sistema de Energia?

Brien Foerster

Sillustani é um cemitério pré-Inca, às margens do Lago Umayo, cerca de uma hora de carro de Puno, no Peru, que é uma grande cidade às margens do Lago Titicaca. Os túmulos, que são construídos acima do solo em estruturas-torre, chamados *chullpa*, são os vestígios do povo Colla, falantes da língua Aymarà que foram conquistados pelos Incas no século XV. As estruturas alojam os restos de grupos familiares completos, embora eles estivessem limitados à nobreza. Muitos túmulos foram dinamitados por ladrões de túmulos, enquanto outros foram deixados inacabados.

A descrição acima é a retórica convencional defendida pelos acadêmicos, e a informação que a maioria dos guias dão aos visitantes do sítio de Sillustani. Em geral eles acreditam que pequenas e rudes *chullpas* foram criadas pelo povo Colla entre 1200 e 1400 A.D. e que os Incas, que conquistaram Colla durante o século XV, construíram depois, torres maiores e mais precisas.

Anterior à Colla, a grande civilização Tiwanaku, cujo nome referencia um importante sítio arqueológico mais à margem sul do Lago Titicaca, na Bolívia, dominou a região até certo ponto. Colla ou Hatun Colla foi uma das várias tribos organizadas em comunidades após a cultura Tiwanaku desaparecer. Juntamente com o reino Lupaca, Colla tinha grande controle sobre boa parte da região do Lago Titicaca.



Figura 1 Comparação entre os dois estilos de chullpa

É claro que, de acordo com o pensamento convencional, o trabalho em pedra menor e mais áspera deve preceder às maiores e mais finas, pois acredita-se que a humanidade tem evoluído tecnicamente ao longo do tempo, seja no Peru ou em outro lugar. Outras obras atribuídas à Colla na região, de fato são rudes em sua aparência e construção, e feitas à partir de pedras coletadas no campo local, que foram desbastadas e cimentadas usando barro como argamassa.

A *chullpa* mais bem elaborada é creditada à manufatura Inca, pois sua forma de construção livre de argamassa é comparada às obras em Cusco, como Coricancha (O Templo do Sol). No entanto, não está comprovado que foram os Incas quem construíram Coricancha, mas sim, se foram ou não, já que uma cultura da Idade do Bronze poderia ter alcançado tal fino acabamento.

O templo de Coricancha é considerado por muitas fontes, incluindo antigas crônicas espanholas como a primeira edificação incaica. No entanto, é também a melhor de suas obras. Então, como isso é possível? A resposta pode estar no fato de que Coricancha já existia em Cusco quando os Incas chegaram, em algum ponto entre 1000 e 1100 AD, e que fora construído por um povo ancestral desconhecido, por vezes referido como Perhuas ou Viracochans.

Embora isto possa soar como uma suposição ultrajante para alguns leitores, quem já andou pelas ruas de Cusco pode ver claramente nas construções que as partes mais baixas e, portanto mais antigas, são de acabamento superior às que surgiram depois. Isto sugere que os Incas construíram, em muitos casos, em cima das fundações antigas e finas.



Figura 2 Foto de Coricancha

A *chullpa* de Sillustani se parece em muito com Coricancha, em Cusco, no que diz respeito aos métodos de construção e materiais. Algumas áreas das paredes de Coricanchas são compostas por blocos de andesito, encaixadas de maneira incrivelmente alinhada, enquanto outros blocos são de basalto. Em ambos os casos, as pedras não eram do local, mas foram trazidas de pedreiras situadas a vários quilômetros de distância.

É com base na aparência e similaridade entre ambas as construções que muitos acadêmicos presumem, pelo fino acabamento, que a *chullpa* de Sillustani foi feita pelos Incas. No entanto, se Coricancha não é Inca, mas mais antigo, então a *chullpa* também pode ser.

Arqueólogos encontraram restos humanos dentro de algumas *chullpas*, bem como ladrões de túmulos também o encontraram. Desta forma, a conclusão a que se chegou foi de que *chullpa* era

de natureza funerária. Mas alguns engenheiros analisaram estas estruturas e encontraram detalhes que lhes deixaram perplexos.

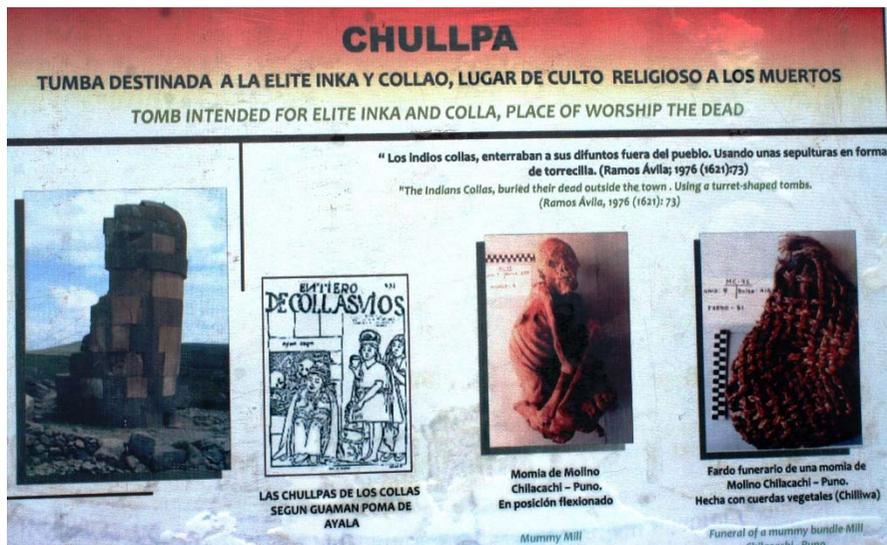


Figura 3 Publicação dissertando sobre a função fúnebre das chullpas

A construção não é verticalmente linear, mas se afunila da base para o topo, o que não a torna uma construção de abordagem convencional. A zona superior tem uma curva que parte de fora para dentro. Além disso, cada parte tem uma borda em torno da zona superior cuja função seria simplesmente decorativa?

Uma construção sem argamassa é evidentemente muito mais complexa àquela que utiliza argila para preencher áreas de espaço em *chullpas* menos bem feitas. E ajustando firmemente e em conjunto as pedras, maiores e mais bem acabadas, isso dá à melhor *chullpa* qualidades de ressonância devido ao contato estreito entre as pedras.



Figura 4 Secção transversal de uma chullpa

Este autor esteve dentro de uma das *chullpas* melhor construídas com o engenheiro Christopher Dunn, autor de *The Giza Power Plant and Lost Technologies Of Ancient Egypt*, e com o Dr. Robert Schoch, autor, geólogo, professor e o homem que redatou a Esfinge do Egito baseado na meteorização da água.

Em ambas as ocasiões notamos que, usando um aplicativo de telefone o qual pode emitir notas musicais específicas, A e A# (La e La Sustenido) ressonaram no interior da *chullpa* provocando amplificação do som. Curiosamente algumas pesquisas conduzidas na “Câmara do Rei”, no interior da Grande Pirâmide de Giza, sugerem uma afinação em A#.

Agora, por qual razão um construtor supostamente sintonizaria o interior de uma estrutura de pedra para ressonar à uma faixa de frequência específica? Se fosse um túmulo para mortos, provavelmente não o faria, mas se foi construído para fins energéticos, então isto faz sentido.

Em uma viagem para o sítio de Sillustani, em Novembro de 2013, com Hugh Newman, da Megalithomania, tivemos muitos radiestesistas conosco. Claramente não reconhecido como um teste científico pela corrente principal, estes talentosos indivíduos foram capazes de pegar frequências específicas de energia perpassando áreas da *chullpa*.

As melhores *chullpas* são compostas de duas camadas de pedra, cada qual de diferente composição e oriundas de diferentes pedreiras. Quanto às outras, menos elaboradas, não têm estrutura compositiva tão organizada.

A camada externa da *chullpa* fina é de basalto de origem não local, mas supostamente de muitos quilômetros distante, e a "colmeia" da cúpula interior é feita de andesito denso, mais uma vez, provavelmente não local, já que a área de Sillustani é

composta predominantemente de arenito vermelho. Além disso, as pedras de andesito, no núcleo interior são coladas com um material de argila branca, que mais uma vez não é originária do local.

As *chullpas* de menor tamanho e qualidade inferior são feitas de pedras do campo e pedaços de arenito vermelho, basalto e andesito, com material de adobe ocre, que é, de fato, o solo da área, utilizado como material de enchimento e liga.



Figura 5 Uma chullpa totalmente restaurada

Outro aspecto curioso é que cada *chullpa* em geral possui uma pequena abertura na base, voltada para o leste. Este alinhamento cardinal é especulado pela maioria dos arqueólogos como estando relacionado com o caminho do sol, que nasce no leste e se põe no oeste. Desde os Incas, e provavelmente os povos ancestrais, eram adoradores do sol; os arqueólogos acreditam que a porta para a nascente refere-se ao sistema de crença religiosa destes povos, e que enquanto túmulo, cada *chullpa* pode orientar a alma que partiu para algum reino solar espiritual.

No entanto, os danos provocados nas *chullpas* finas, que muitos acreditam ser resultado de saques ou restaurações e substituições de suas pedras séculos atrás, é maior no lado ocidental dessas torres. Se for possível que, em vez de túmulos da nobreza, fossem estruturas energéticas de algum tipo, alguns engenheiros têm especulado que um evento catastrófico antigo, como uma sobrecarga de energia ou terremoto podem ter causado o dano inicial.

Na verdade, ao largo da *chullpa*, que era em formato de quadra e composto de vários blocos de toneladas, é o melhor caso para abordar esta ideia. Alguns destes megálitos, que foram originalmente incorporados, encontram-se distantes à várias centenas de metros, algo que pessoas que desejassem colher material dificilmente o fariam.

Em suma, os pontos principais são os seguintes: É provável que a mais antiga das *chullpas*, que possui melhor manufatura e design, precedem à Idade do Bronze Inca ou qualquer outra cultura conhecida. Após, as estruturas menores e de pior qualidade foram uma tentativa das culturas posteriores, no tocante à copiar o design, mas também utilizaram a *chullpa*

antiga, que já não tinha mais funções energéticas devido à avaria sofrida, como depósito funerário.

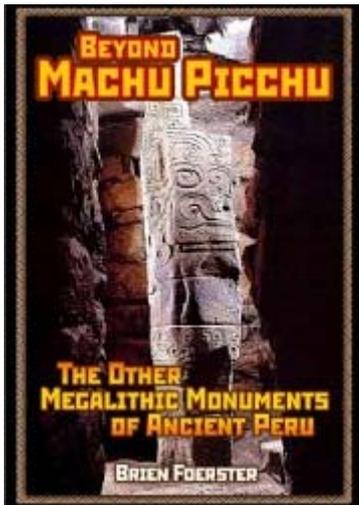
Encontre (em inglês) [Brien em Ancient Origins](#)

website: <http://hiddenincatours.com/>

Facebook page:



Livros:

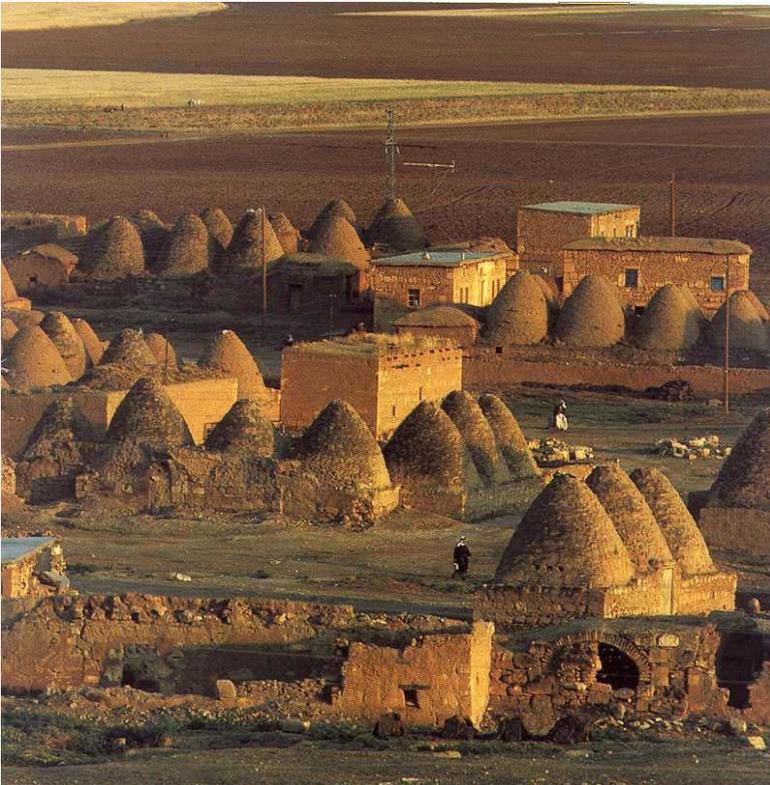


Veja outros livros de Brien [aqui](#).

Harã – cidade de Abraão

Lucy Wyatt

Harã é uma das cidades mais antigas do mundo. Localizada ao sul da Turquia, uma das características marcantes deste lugar antigo são as casas de adobe em forma de colmeia, construídas inteiramente de lama, sem qualquer madeira. Seu design foi pensado de maneira interessante de modo que permanece inalterado há pelo menos 3.000 anos. Algumas casas ainda serviam de moradia até meados de 1980. Harã remonta a Idade do Bronze Inicial, em algum tempo do terceiro milênio aC. Reputada como ponto da Rota da Seda, existem muitas referências deste antigo lugar na Bíblia e, por exemplo, o seu comércio com a cidade fenícia de Tiro, em "roupas escolhidas, em pano de azul, e bordados, e em cofres de roupas preciosas, amarrados com cordas e feitos de cedros, entre tua mercadoria" (*Ezequiel, 27:23-24*). Isto talvez seja mais famoso que a cidade de Abraão. Seu local de nascimento, Sanliurfa, próxima de Harã e o lugar para onde seu pai Terá foi para morrer. Meu interesse nesta cidade não é, no entanto, em suas conexões bíblicas, fascinantes como elas são, mas em sua história esotérica.



Avizinhando-se à Harã, Sanliurfa detém uma pista para esse aspecto oculto. Sanliurfa passou por muitas transformações ao longo dos milênios. Mais curiosamente no século XII, quando

Sanliurfa era um reino cristão que usava o nome Edessa, que por sua vez atraiu a atenção dos Cavaleiros Templários. Parece haver mais significado em São Bernardo de Claraval, e não no Papa, pregando a Segunda Cruzada em Vézelay, no leste da França, não para defender Jerusalém, mas para resgatar Edessa após sua captura pelos Turcos seljúcidas, em 1145.

A questão é: Por que? Por que São Bernardo, que foi responsável por ajudar a criar os Cavaleiros Templários, tomar tal interesse nesta cidade-estado sem litoral, que, conforme o escritor Adrian Gilbert aponta, não tinha importância estratégica e estava na margem errada do Rio Eufrates? (*Adrian Gilbert Magi – The Quest for a Secret Tradition, Bloomsbury, London, 1996, pg191*) Este fora um compromisso militar, depois de tudo, um meio, e não um fim.

Talvez, os Cavaleiros Templários soubessem que Edessa poderia ter sido a "Ur dos Caldeus" original; o lugar onde os Magos Caldeus passaram algum tempo. Na década de 1920, Sir Leonard Wooley alegou que a "Ur dos Caldeus" era a sua escavação da cidade de Ur, ao sul do Iraque. O que ele encontrou foi algo espetacular e extenso: enormes quantidades de artefatos que datam três mil anos e muito ouro, incluindo uma bela escultura de ouro de um carneiro preso ao mato. Muitos de seus achados estão em exposição no Museu Britânico. Por mais importante que fosse sua descoberta, eu não estou convencido de que esta era a Ur bíblica. "Ur" foi uma palavra comumente usada nos tempos antigos, uma vez que seu significado é "fundação" e pode ser encontrada no nome de Jerusalém – "Uru-shalom" – cujo significado é "habitação da paz". Faz mais sentido que a Ur caldeia estivesse mais ao norte, e não menos importante, conforme Abraão faz referência à seus conflitos com os hititas, baseados na região central da Turquia.

Os Magos Caldeus, uma elite de sábios, habilidosos na arte da adivinhação, se refugiaram nas ruínas do Império Hitita, na região central da Turquia, ao menos mil anos antes dos Cavaleiros Templários chegarem, e é possível que algo de seu conhecimento oculto houvesse restado naquele lugar. Mas é bem provável que o verdadeiro foco da atenção dos Templários fosse a própria Harã.

É importante refletir neste momento sobre o que poderia ter sido a verdadeira missão dos Cavaleiros Templários. Não resta dúvidas que São Bernardo desempenhou um papel fundamental no tocante à "publicidade" sobre o fato de que este grupo existia para proteger as rotas para Jerusalém. Mas, dado o baixo número de Templários, pelo menos de início esta explicação não faz sentido. O mais plausível é que eles mantiveram presença no Oriente Médio, porque, após a Primeira Cruzada, em 1097, São Bernardo e outros do Tribunal de Borgonha se tornaram cientes de um conhecimento oculto contido num corpo de escritos conhecidos como *Corpus Hermeticum*, considerados mais "antigos que Noé", compostos por Hermes Trimegisto, e, portanto, de grande interesse. E um povo que conhecia muito sobre a *filosofia hermética* foram os Sabeus, que na época das cruzadas viviam em Harã.

O que tornou Harã incomum no século XII foi o fato de que esta não era de origem Judaica, Islâmica ou Cristã. Seu principal templo, destruído pelos mongóis em 1259, fora dedicado ao deus mesopotâmico Sin. O templo tinha fama de ser um centro de alquimia, tal como aquela praticada pelos Sabeus, que consideravam Hermes o fundador de sua escola.

Os Sabeus possuíam uma forma de alquimia distinta, focada em metais, especialmente o cobre, e minerais em vez do ouro. Na visão de alguns autores, essa distinção indica uma antiga

tradição, possivelmente remontando à 1200 aC, quando o cobre era considerado o rei dos metais (*Jack Lindsay The Origins of Alchemy in Graeco-Roman Egypt, Frederick Muller, London, 1970*). Restam poucas dúvidas que as crenças e práticas dos Sabeus remontam tempos antigos e que estes tinham fortes ligações com o Egito. Na verdade, é possível que o nome "Sabeu" derive da palavra egípcia antiga para a estrela *sba*, e que eles podem ter sido antigos refugiados do Egito.

Os Sabeus podem ter sido os últimos remanescentes do sacerdócio egípcio, que em sua maioria desapareceu do Egito no século IV, quando Cristãos-romanos destruíram o que restou dos templos egípcios. Como resultado desta perseguição, eles podem ter encontrado seu caminho até as rotas de comércio para Harã, no Eufrates Norte, onde se sentiram seguros o suficiente.

O que manteve os Sabeus em segurança e lhes permitiu continuar com suas práticas, era uma referência à eles no Alcorão. O Alcorão reconhecia que os Sabeus eram da religião de Noé e, portanto, concedeu-lhes respeito. A precariedade de sua existência, é, no entanto, registrada na história do califa de Bagdá, que passou por Harã em 830 AD. Ele queria saber se aqueles que se vestiam de maneira diferente eram o "povo do livro" (Alcorão ou Bíblia). Felizmente ele aceitou a resposta de que o livro dos Sabeus era a Hermética, seu profeta era Hermes e que eles eram os Sabeus referidos no Alcorão. Assim eles foram poupados à morte como infiéis.

O califa não imaginava o quanto os Sabeus haviam contribuído para sua própria cultura, já que estes ajudaram a fundar a cidade de Bagdá, em 762 AD, e à transformá-la num grande centro de aprendizagem. Os Sabeus foram um grande canal para a transmissão da sabedoria antiga aos árabes, especialmente para

os Sufi e os Drusos (*Adrian Gilbert op cit, 1996, p70*). O alquimista Sufi Jabir ibn Hayyam possuía em suas mãos uma das cópias mais antigas do famoso texto hermético *A Tábua de Esmeralda*, bem como escrevera os contos mágicos de *As Mil e Uma Noites*. Ele era habilidoso em matemática, medicina e outras ciências, e estava interessado em disseminar o conhecimento dos princípios pitagóricos (Baigent & Leigh *The Elixir & The Stone*, Viking, London, 1997 p41).



Figura 6 A Tábua de Esmeralda

Acima de tudo, graças aos Sabeus e à cidade de Harã, que tanto conhecimento relacionado às antigas civilizações como o Egito e outras, foi preservado durante toda a Idade das Trevas, e do qual podemos nos beneficiar mais uma vez.

Lucy Wyatt é autora de ‘Approaching Chaos – could an ancient archetype save C21st civilization?’ (2010) e co-organizadora do Eternal Knowledge Festival (www.eternal-knowledge.co.uk em inglês) uma semana abordando a Idade Moderna do Bronze – conhecimento útil e relevante. O último EFK ocorreu de 4 à 6 de Julho, em Greenwich, Londres e contou com os palestrantes Robert Bauval, Paul Devereux and Adrian Gilbert. Adrian escreveu extensivamente sobre os Sabeus e abordou essa temática no evento.

O Cenário Stonehenge - uma perspectiva mais ampla

Maria Wheatley



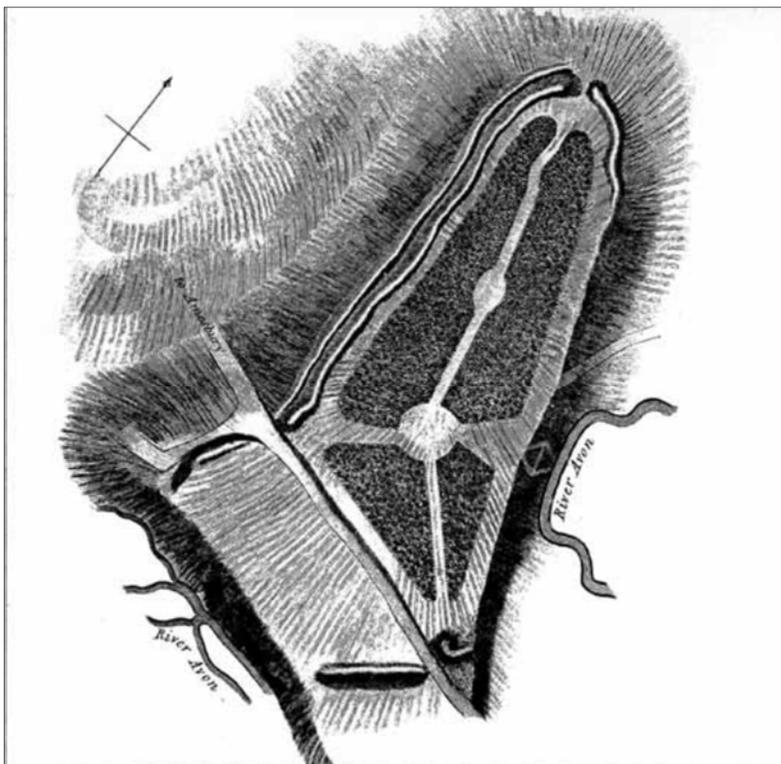
Stonehenge fica nas planícies uivantes da Salisbúria, nos lembra da engenharia, astronomia e habilidades matemáticas de nossos distantes ancestrais. Sem dúvida, Stonehenge é reconhecido mundialmente como um dos mais emblemáticos círculos de pedra da Grã-Bretanha. No entanto, Stonehenge é parte de um amplo cenário cerimonial que contém alguns dos monumentos mais enigmáticos e misteriosos já construídos. Stonehenge tem suas origens enraizadas na antiguidade. Cerca de 10.000 anos atrás, os povos do Mesolítico das planícies da Salisbúria criaram uma comunidade próspera perto de onde Stonehenge surgiria cinco mil anos depois.

Postes Totem ou estruturas de templos?

No velho estacionamento de visitantes, ao lado de Stonehenge estão três grandes marcas circulares brancas indicando a posição de buracos de postes do Mesolítico. Escavados na década de 1960, estes recursos para madeiras foram interpretados como bases para totens, o que evoca de imediato a imagem de madeiras em posição vertical sem maiores complexidades. No entanto, o laboratório de datação por carbono chocou a comunidade arqueológica ao datar os buracos de postes em 8800 aC; embora um destes postes possa ter sido adicionado posteriormente. Alinhado para a direção dos equinócios da primavera e outono, os postes, que antes possuíam pouco mais de 4 metros, revelam precisão astronômica num momento em que nos é dito que os povos pré-históricos eram caçadores coletores. É verdade que em locais como Göbekli Tepe os templos megalíticos foram construídos durante o Mesolítico; o Extremo Oriente, sendo considerado o berço da civilização, no entanto, a Grã-Bretanha antiga era vista como um remanso primitivo.

O que significam aqueles postes, e eram eles parte de uma estrutura muito mais ampla de madeira – um complexo de templos? Como a escavação teve muitas falhas, perguntas se acumulam. Em 1988, cerca de 13 anos após a escavação inicial, quatro buracos de postes foram descobertos sugerindo que outras funcionalidades poderiam estar faltando. Rotulando como postos de "poste totem", isso rouba de nossos ancestrais pré-históricos suas engenhosas habilidades, o que em breve irá tornar-se evidente.

Construções do Mesolítico



Perto de Stonehenge há o Campo de Vespasiano, uma colina fortificada da Idade do Ferro à qual funcionava um centro cerimonial druida, datado de 500 aC. Em 2005, na base deste acampamento, arqueólogos desenterraram ainda mais surpresas sobre o nosso passado distante do Mesolítico. Pensava-se serem andarilhos nômades, que seguiam com suas atividades e rebanhos selvagens, e que os povos do Mesolítico percorriam a paisagem britânica e viviam em habitações temporárias ou cabanas. No entanto, novas evidências descartam esta antiga opinião para a qual surge uma nova visão do passado remoto.

Perto de uma antiga nascente, um edifício mesolítico foi recentemente descoberto, o qual é o mais antigo edifício conhecido no cenário de Stonehenge. Esta é uma descoberta sem precedentes em relação ao que se acreditava existir e sobre como se supunha viverem os povos do Mesolítico. Ele fora interpretado como uma base de acampamento para onde as pessoas voltavam sazonalmente. E certamente a fonte fora considerada sagrada devido aos inúmeros depósitos mesolíticos colocados na água. Mais de 10.000 utensílios e ferramentas do Mesolítico foram escavados à partir daquela fonte e notavelmente encontravam-se em bom estado. Na verdade as lâminas eram tão afiadas em suas bordas que alguns arqueólogos cortaram seus dedos. Durante milênios a fonte continuou a ser venerada como depósito do Neolítico, Idades do Bronze e Ferro, onde ao longo foram encontrados depósitos de rituais da era Romano-Britânica. Este fora um solo sagrado, reverenciado desde a aurora dos tempos.

Ganhamos de mãos beijadas dos historiadores que os povos do Mesolítico viviam em tendas como estruturas, seguindo animais selvagens, forrageamento de nozes e frutos silvestres. Nem tanto. As pessoas viveram na chamada casa-base por mais de 1500 anos como ocupação, entre 6250-4700 aC. Este não foi um evento de curta duração já que mais de 62 gerações viveram e adoraram próximos à Stonehenge e sua fonte como Lourdes.

Evidentemente, os povos do Mesolítico escolheram e consagraram o local de Stonehenge muito antes de uma única pedra ter sido levantada por seus descendentes do Neolítico.

3800 aC, surge um novo monumento

Por volta de 3800 aC, (se o sistema de datação arqueológica estiver correto, e muitos achados anômalos questionam isto!)

um novo monumento, surgido de repente, ainda desafia a explicação. Quando eu levei pessoas para o cenário de Stonehenge, eu sempre aponte para onde um monumento chamado Cursus foi localizado. Monumentos Cursus eram comuns no Neolítico Bretão e um exemplo gigantesco estava à cerca de 800 metros ao norte de Stonehenge. Embora monumentos Cursus precedam à construção do círculo de pedra em mais de mil anos, ambos estão intimamente ligados.

O Grande Cursus (MAPA OS 184.124430)

Monumentos Cursus são intrigantes. Construídos à partir de blocos de giz criando largas paredes como bancos, o monumento consiste em dois bancos aproximados paralelamente, com 100 metros de largura e um curso de aproximadamente 3 km. Eles tomam seu nome do antiquarista do século XVIII, William Stukeley, que acreditava serem hipódromos romanos; Cursus em Latim significa corrida. A única ilustração que retrata o monumento, elaborada por Stukeley, é inexata ao fim do terminal, que não fora arredondado conforme mostrado, mas perfeitamente quadrado. Hoje pouco existe do monumento Cursus, que foi alinhado no sentido Leste-Oeste, de frente para o nascer do sol no equinócio. Estranhamente Cursus não tem uma entrada e claramente não estava destinado à ser utilizado pela comunidade, algo que o torna mais exclusivo e misterioso. Para adicionar ao quebra-cabeças, uma longa extensão de 125 metros fora adicionada ao extremo oeste, terminando numa profunda vala em linha reta. O interior alongado cobria 70 hectares com superfície, de ponta à ponta, suficiente para acomodar 30 campos de futebol.



Originalmente, os Cursus deviam ter reluzência branca, seus bancos de giz branco brilhavam ao sol e luar em meio à uma paisagem verdejante. Há muitos outros monumentos Cursus na Grã-Bretanha, sendo que o maior deles é encontrado em Dorset e campos com mais de 10 km. Aproximadamente 800 metros à noroeste do Grande Cursus havia o Cursus Lesser, que corria uma quadra de 400 metros. Ambos monumentos foram lavrados abrindo espaço para o desenvolvimento agrícola após a Segunda Grande Guerra.

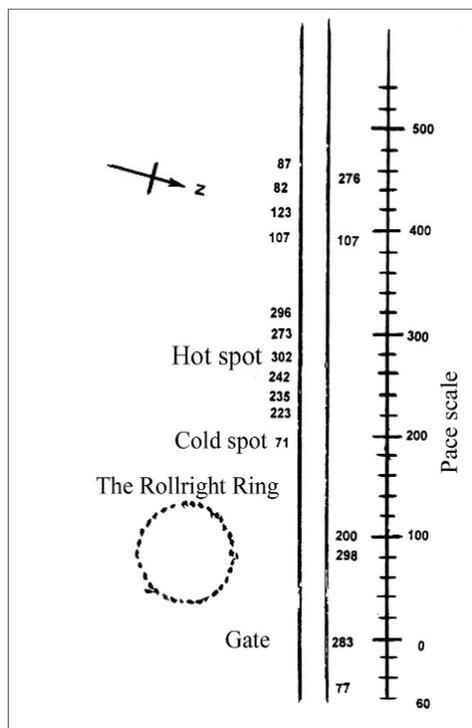
No plano, Stonehenge e o Cursus formavam um triângulo gigantesco; a ponta alinhada em Stonehenge com a longa base do Cursus, 1 km para o norte. Stonehenge está quase, mas não completamente, devido ao sul para o centro de Cursus. Não importa que tipo de monumento e não importa onde ele for encontrado – das pirâmides do Egito aos arredores de Stonehenge, arqueólogos afirmam que estes monumentos foram construídos como túmulos ou estavam intimamente ligados aos ritos mortuários, uma explicação satisfatória para um monumento incomum, que nunca revelou ossos, cinzas ou qualquer evidência fúnebre. Pelo contrário, esse vasto monumento se parece mais como um container, um objeto construído para fins avançados e tecnológicos desprovidos de participação humana, e, portanto, sem via de entrada.

Níveis de radiação

Entre 1995 e 1999 várias leituras de radiação gama foram tiradas no centro do monumento Cursus utilizando um contador Geiger. Inexplicavelmente, elevados níveis irromperam a leitura se comparados à leituras estáveis e consistentes, obtidas na zona de controle, localizada em frente ao monumento. Somando-se ao mistério, as leituras tendem à acentuar nos equinócios espelhando o seu alinhamento Leste-Oeste solar. O Cursus pode muito bem ter sido alinhado para acomodar as rajadas de radiação gama, que aparentemente são ativadas pelo movimento do Sol ao longo da eclíptica. Eram essas pessoas físicos pré-históricos que aproveitavam a radiação para propósitos energéticos, que compreendiam as energias ocultas no cenário?

O círculo de pedra Rollright em Oxfordshire é outro exemplo de um sítio pré-histórico associado com a radiação que nós investigamos.

Raios Gama na Estrada “fantasma”



O levantamento abaixo revela as medidas tomadas ao longo da estrada ao lado do círculo de pedra de Rollright, que foi apelidada de "estrada fantasma". A contagem normal para a região é de 60 – 80 ciclos por minuto. Nossos resultados revelaram grandes diferenças que variam entre uma zona fria (cold spot) em 71 ciclos, para uma zona quente (high spot) em 302 ciclos. Mais próximo da "zona quente" muitas pessoas reportaram estranhos fenômenos. Um topógrafo observou na pista, o desaparecimento súbito de um carro com dois ocupantes, e um cientista observou o surgimento momentâneo de um animal grande semelhante à um cachorro, na pista ao lado do círculo de pedra. Como a imagem do carro, este também desapareceu. Cerca de dezoito meses mais tarde uma pesquisadora testemunhou por alguns momentos uma caravana

cigana antiquada, puxada por cavalos. Esta caravana passou por ela e seguiu como se nada tivesse acontecido. Em todos estes casos, as testemunhas e imagens observadas foram nas áreas de radiação denominadas zonas quentes. Uma possível explicação pode estar num fenômeno paranormal chamado "time slip" (viagem através do tempo), que de alguma forma criou um acesso fugaz, de alguns momentos, devido aos altos níveis radioativos interagindo em suas mentes, resultando a manifestação.

Um militar relatou-me pessoalmente que esses fenômenos "time slip" correm pela pista que vai do Larkhill ao Stonehenge. Curiosamente, os cortes de pista através do Cursus e este monumento está excepcionalmente próximo à zona "hot spot". Depois de testemunharem uma luz âmbar ou laranja, que surgiu repentinamente em torno de seu veículo estacionado e depois mudou-se para a estrada principal, dois soldados treinados como observadores, tentaram triangular a distância do objeto âmbar, mas este subitamente desapareceu. Eles retornaram ao quartel. Imediatamente foram repreendidos por terem permanecido fora, sem autorização, por dois dias, mas para aqueles soldados havia se passado apenas uma hora. Estes soldados ainda estão procurando respostas à essa estranha experiência no monumento Cursus.

Woodhenge (MAPA OS 184.150434)



Nos arredores de Stonehenge há monumento após monumento atestando sua importância como capital pré-histórica. Woodhenge é uma estrutura grande de madeira que muitos acreditavam ser carretéis achatados até que o Esquadrão Líder Insall fez uma série de fotografias aéreas que mostraram marcas circulares brancas (agora representadas por postes de concreto).

Situado à 1.5 km de Stonehenge, Woodhenge foi um componente vital para o cenário Stonehenge e construído há cerca de 4.200 anos. Este sítio da Idade do Bronze consistiu em seis ovais de postes de madeira concêntricos cercados por um fosso e um banco exterior, que foi quebrado por uma passarela de entrada à nordeste – a direção do sol em pleno verão. O anel C foi a primeira série de postes a serem erguidos – 16 postes de 1 metro de espessura e pesando 5 toneladas cada foram estabelecidos em padrão oval. Em plenas condições, o monumento se pareceria com um labirinto nada fácil de ser percorrido ao redor.

No entanto, o percurso era fácil e intuitivo. Você não bateria nos postes!

Dentro do anel de madeira interior havia o túmulo de uma criança, como mostra a fotografia. Uma descoberta arqueológica inesperada nos arredores de Stonehenge descobriu crânios de cinco crianças, evidenciando cabeças interligadas ou crânios com aspecto alongado, algo extremamente raro para a Grã-Bretanha pré-histórica.

Woodhenge está situado num excelente padrão de energias terrestres e o sítio é atravessado por Linhas de Ley que apontam linearmente monumento após monumento em toda a paisagem cerimonial. Curiosamente, muitas das correntes sinuosas de energias da Terra terminam no monumento Cursus.

Durrington Walls (*MAPA OS 184.150437*)

Próximo de Woodhenge está Durrington Walls que fora, no Neolítico, uma cidade próspera e agitada, mais tarde transformada num monumento *superhenge*. Henge é definido como um invólucro rodeado por uma vala interna e talude exterior, algo tipicamente britânico. Durante o Neolítico Final (2600 aC), uma vasta cidade circular, provavelmente a maior da Europa, foi construída.

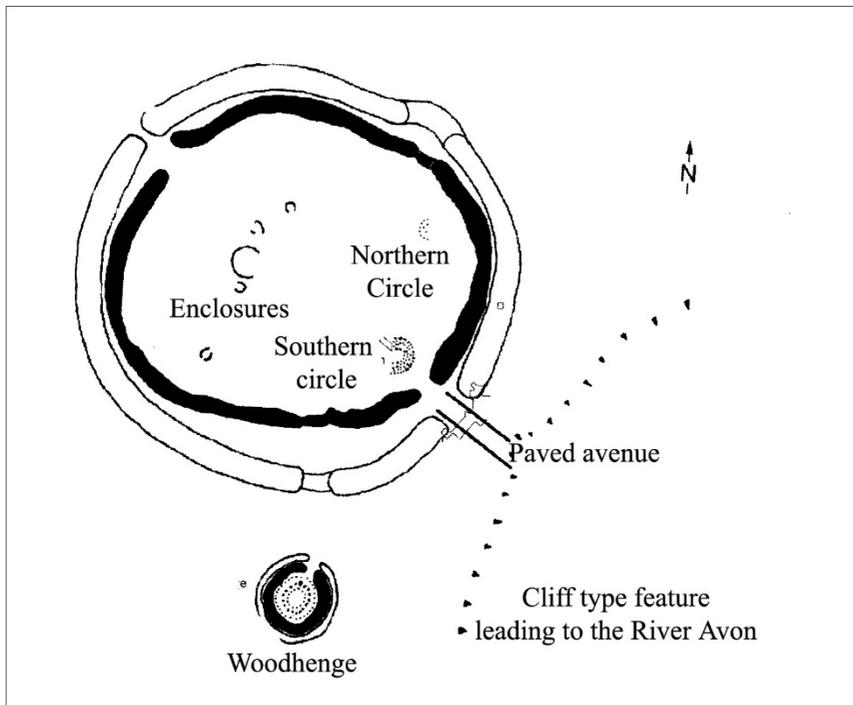
Evidências arqueológicas sugerem que a cidade foi usada pelas pessoas que construíram Stonehenge. Centenas de casas comlareiras, móveis de madeira e camas, bem como unidades de armazenamento e despensas foram escavadas. Estima-se que cerca de 300 casas tenham sobrevivido sob o banco henge, aguardando futuras escavações. Uma vasta e excepcionalmente ampla avenida pavimentada levava diretamente para o Rio Avon – água está sempre associada à sítios ancestrais; se for água subterrânea profunda, nascida no interior da Terra, conforme

afirmam adivinhadores de água, como eu, ou se é água de chuva coletada em aquíferos ou águas de superfície tais como fontes ou rios. A água subterrânea produz mudanças eletromagnéticas para o ar e para o campo. Certamente, onde quer que eu localize determinados tipos de energia associados com a água subterrânea, usando o método da radiestesia, nós testamos os locais para leituras de ionização, descobrimos continuamente altos níveis de íons negativos – que são geralmente considerados bons para nossa saúde. Surpreendentemente, há também uma diminuição radical de íons positivos – diz-se geralmente prejudiciais para a sensação de bem-estar. Estes padrões de energia e de ionização negativa "hot spots" estão associados tanto com as madeiras quanto com os megálitos e seus respectivos padrões em relação aos espaços nos templos ou nas grandes casas residenciais do Neolítico. Parece que a população pré-histórica sabia onde construir residências e templos que promovessem a saúde e o bem-estar, um design cânone único que o homem moderno deve adotar. Aliás, a estrada Durrington foi tolhida pela moderna A-road (um termo usado no Reino Unido para estradas largas), que tem uma via de aproximadamente 10 metros de largura; a estrada do Neolítico era de 30 metros de largura.

Superhenge

Em torno e 2500 aC, a área foi transformada, a cidade e suas casas foram desativadas e fechadas e o maior monumento henge na Europa foi levantado. Ele consistia em 5.5 metros de vala profunda e um banco externo, e dentro do local haviam dois anéis de postes de madeira gigantescos. Originalmente, o superhenge teve quatro entradas no que a entrada norte e sul foram bloqueadas por volta de 2000 aC. Os arqueólogos

acreditam que a entrada sul levava ao Woodhenge. Hoje pouco existe deste antigo e magnífico super-henge.



Stonehenge de Madeira

Dentro do superhenge havia dois círculos de madeira dos quais se via Woodhenge e ao mesmo tempo, Stonehenge. O círculo sul era uma réplica de Stonehenge, compartilhando semelhanças notáveis. Stonehenge contém uma conformação megalítica em ferradura, e assim, o círculo sul era o seu homólogo em madeira. No entanto, o círculo sul voltava-se para a direção oposta à ferradura de Stonehenge - para o pôr do sol no solstício de inverno. O círculo exterior de madeira era equivalente ao círculo de Stonehenge feito de arenito e tinha o mesmo número de colunas - trinta ao todo. Inequivocamente, as duas estruturas foram construídas à partir do mesmo plano, uma em madeira e outra em pedra, com exceção da disposição em forma de

ferradura, enfrentando a direção oposta, como se espelhando uma à outra. Um monumento que sobreviveu às intempéries do tempo deveria ser considerado uma maravilha do mundo.



As grandes estruturas em madeira foram localizadas próximas ao que podia muito bem vir a ser uma estrutura adicional do templo. Um construto foi levantado logo após a Segunda Guerra Mundial pelo arqueólogo de campo e mestre Dowser Guy Underwood. Ele localizou uma estrutura retangular ao lado de fora do Stonehenge de Durrington. Devo salientar que isto foi 60 anos antes dos arqueólogos descobrirem edifícios retangulares associados à atividade doméstica em Durrington. Durante os anos 1940, pensava-se que os Britânicos viviam em estruturas circulares como fizeram seus descendentes da Idade do Ferro. Investigações posteriores revelaram que a estrutura de madeira

pode ter tido dois andares à partir do qual você poderia ver todos os monumentos nos arredores de Stonehenge, incluindo o círculo de pedra. As estruturas de madeira foram colocadas há alguns metros entre si, já que os contornos do campo não permitiam uma visão perfeita.

Abaixo da superfície provavelmente há mais edifícios escondidos de nossas vistas, buracos onde grandes pedras um dia alcançavam orgulhosamente o Sol, e numerosas estruturas de madeira aguardam escavação. Por exemplo, perto do Rio Avon, recentemente, uma gigantesca plataforma elevada à cerca de dois andares foi descoberta. E mais uma vez, ao tradicional estilo da arqueologia, fora interpretada como uma plataforma fúnebre. O que são essas estruturas e por que elas foram construídas? Aquela era a terra dos vivos, com invenções engenhosas e pessoas qualificadas que construíram monumentos de pedra e madeira, possuidoras de extraordinárias habilidades de engenharia.

Este cenário monumental tem sido considerado o epicentro de importância global por mais de 10.000 anos. Os arredores de Stonehenge abrigam alguns dos monumentos mais enigmáticos já construídos na antiga Grã-Bretanha, e fora uma movimentada cidade do Neolítico, com numerosos templos de madeira nas proximidades. No entanto, apesar de ter sido escavado, analisado, roubado de sua dignidade, isolado do público em geral e fechado por uma semana inteira nos equinócios - quando não é permitido o acesso ao templo de pedra - este enigmático cenário ainda mantém sua magia e segredos milenares.

Encontre Maria (em inglês) [em Ancient Origin](#).

website: www.theaveburyexperience.co.uk

Email: mariawheatley@aol.com

Uma grande descoberta jamais feita

Gregory Sams



Esta é uma notável descoberta que ainda não surgiu diante de nosso revitalizado interesse pelas antigas civilizações. Não obstante, poucos observam esta flagrante omissão acerca dos registros e relíquias já descobertas. Eu reconheci sua ausência numa visita ao Museu Britânico, e fiz questão de voltar anos mais tarde, para uma nova checagem. As "salas mesopotâmicas" iniciam em 6500 aC, e quando você vagueia pela sala, olhando os artefatos e representações daquela cultura, não há nenhuma representação de guerreiros ou de guerra, carros de combate, clavas ou espadas - para cerca de quatro mil anos. Quanto aos reis e governantes, não havia senão uma única imagem que se pensa ser um rei porque ele está usando uma coroa. E o que este rei está fazendo? Ele alimenta de flores as ovelhas.

Por volta de 2700 aC a primeira disputa entre cidades-estados transformou-se no que poderia ser chamado de guerra. Pouco se sabe, exceto que os sumérios fugiram às armas na derrota elamita. Após alguns séculos de decadência, Sargão de Acádia, um terrível déspota, assassina o rei local para então assumir o controle de 21 cidades-estados mesopotâmicas prósperas e bem sucedidas, operadas por um sistema político de base, sem o domínio e influência das elites. Ele eliminou a cidade de Kazalla quando esta resistiu, impondo ao restante total lealdade, no que chamou de processo de unificação, intitulando-se Sargão, o Grande. Ele deu início à uma lamentável tendência.

Estudiosos assumem que as pessoas guerreiam-se desde o início dos tempos em vez de cooperar uns com os outros, e que o primeiro registro de uma guerra ocorrera em 2700 aC, uma vez que a escrita apareceu apenas mais recentemente. Mas evidências descobertas até o momento mostram que esta hipótese não se sustenta, posto que a escrita teria surgido juntamente com o sistema de taxaço de impostos. Imposto é o que se pagava aos soldados e à guerra, bem como nossa história antiga menciona os produtores levando suas mercadorias ao comércio.

Então, o que isto significa? Por que essa não constataço é tão importante? Como os seres humanos conseguiram viver em cidades, do comércio, levando uma vida semelhante à nossa, mas sem governantes? Afinal, a morte e a tributaço de impostos não são dois fatos imutáveis da vida? A morte sim! Mas os impostos são uma invenço mais recente em nossa história. Desde o surgimento da escrita, sabemos que há um controle governamental, do topo para a base onde os governantes exigem uma proporço da produtividade de todos - a fim de apoiar seu estilo de vida livre do trabalho. Nos maravilhamos com os suntuosos palácios e monumentos que sobreviveram ao colapso

dos impérios e seus governantes sem contudo lamentar o fato de milhões de que vidas humanas - como eu e você - foram sacrificadas para criá-los ou destruí-los no momento de sua derrocada.

Achamos que, baseado em nossa limitada história (como aquela escrita pelos conquistadores) que as guerras, conflitos e o controle do topo para a base social são a ordem natural para a humanidade. Por isso, é importante reconhecer que nem sempre isto foi assim. O grande império Tiwanaku, na América do Sul, floresceu durante seis séculos sem a necessidade - ou evidência - de uma hierarquia baseada na decisão com armas, soldados e exércitos de conquista. Embora não possuíssem uma linguagem escrita, sabemos que florescera onde hoje são a Bolívia, Peru e Chile, entre 300 dC e 1000 dC, sendo que alguns sugerem que esta cultura pode se estender por muitos milhares de anos atrás. Seu poder não veio por meio de espadas ou clavas, mas à partir de uma altamente exitosa e com uma religião baseada na adoração do Sol. Seu sistema agrícola e social foram fundamentais, bem como seu conhecimento da preparação do álcool à partir do milho e a produção de drogas psicoativas de plantas locais. Eles eram generosamente conduzidos através dos grandes festivais que integravam a vida em Tiwanaku e não era necessário o uso da força para mantê-los integrados.

Tiwanaku desenvolvia alegremente o comércio, religião, artes, escultura, cerâmica, têxteis, irrigação, moda e uma integração social altamente cooperativa. Em suma, eles mantiveram uma civilização sustentável e equilibrada por mais tempo que o Império Romano, organizando-se da base para o topo, sem a necessidade de reis e estruturas militares. Somos "comunitários" por natureza, abençoados com uma grande inteligência. Viver juntos, portanto, não deveria ser tarefa difícil, mas sim, uma alegria. Quando Tiwanaku entrou em colapso, isto

não aconteceu através da guerra, mas porque a mudança climática provocara décadas de seca prolongada.

Sem a escrita, há poucas evidências sobre os primórdios das civilizações, seu funcionamento ou se eram governados por força coercitiva. Sem a prova de conquistas ou armamentos, parece provável que a paz e a cooperação eram mais comuns que os conflitos fratricidas. Talvez as escavações em Göbekli Tepe e outros sítios arqueológicos venham lançar mais luz sobre o assunto. Embora saibamos que o Egito fosse uma civilização fraterna antes de sua unificação em torno de 3000 aC, pouco sabemos sobre a vida neste período - ninguém achou que seria necessário manter registros.

Se avançarmos para a história recente, recorde-se, descobrimos que centenas de cidades medievais conseguiram expulsar seus lordes, duques ou reis que as tributavam, tomando a gestão em suas próprias mãos. Um exemplo clássico ocorreu no século XIV em Florença, uma cidade com 90.000 habitantes, administrada pelos conhecidos "camponeses comunas", sem títulos de nobreza, formados por padeiros, arquitetos, joalheiros, banqueiros, médicos e construtores. Tratava-se de um comércio entrosado, que garantia a qualidade e segurança para seus clientes, coisas que desejamos que os governantes façam à sociedade (exceto fazer guerras). Em 1340 havia oito mil crianças de ambos os sexos no ensino primário, com quatro universidades provendo seiscentos ao ensino superior. Havia trinta hospitais de pequeno porte, com mais de mil leitos no total. Funcionou e talvez não seja coincidência que Florença foi o motor do Renascimento. Nós somos inteligentes o suficiente para vivermos sem pastor e seus cães de pastoreio.

Uma livre república de agricultores prósperos e significativa autonomia por mais de quatro séculos, até 1559 em

Ditmarschen, quando finalmente fora invadida (e que agora faz parte do Norte da Alemanha). Eles haviam repellido com sucesso um exército de 12.000 homens sessenta anos antes, com um exército de camponeses formado às pressas, e composto por apenas 1.000 homens fortes. Meus ancestrais maternos surgiram nesta área.

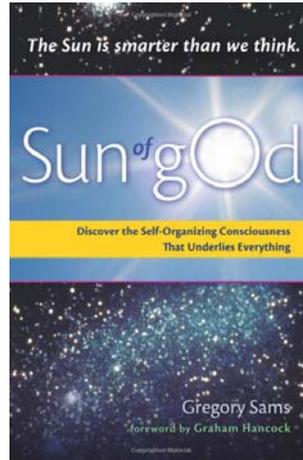
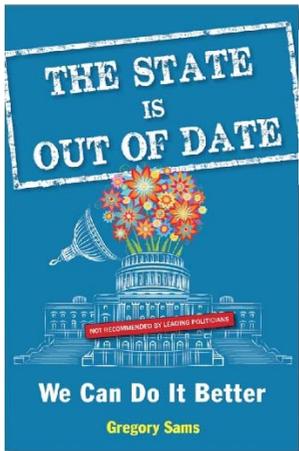
Posso sugerir, para concluir, que uma das grandes descobertas que podemos fazer ao estudar as antigas civilizações é o fato de não encontrar evidências de uma contínua regra coercitiva impostas por um grupo seletivo com a posse de armas e homens treinados para usá-las. Temos nos tratado, neste planeta, como "humanos modernos", por pelo menos 100.000 anos e, dependendo do lugar, a regra da força existe há qualquer coisa entre poucos séculos e cinco mil anos atrás. Esta não é uma forma natural para governar a humanidade e, apesar de todas as consistentes evidências deixadas por aqueles que seguiram os sulcos das bigas de Sargão, é importante reconhecer que estamos olhando para um segmento muito pequeno da história humana antiga, onde predominam os por quês de suas duradouras obras gigantes. Eu fecho agora com um extrato de meu livro atual, e os leitores podem se consolar com a frase final.

As reivindicações são feitas frequentemente para o efeito civilizador de se ter governantes e impérios, citando o patrocínio das artes e habilidade da mão de ferro para manter as coisas estáveis o suficiente para que a cultura se desenvolva. No entanto, o mundo está cheio de magníficas ruínas de civilizações passadas - templos, estátuas e fortalezas permanecendo como monumentos à pompa e paranoia de seus governantes passados. Tivesse a Idade do Ferro conhecido a dinamite, seria improvável que estes monumentos fossem deixados pra trás.

Encontre Greg (em Inglês) [em Ancient Origins](http://www.gregorysams.com).

website: <http://www.gregorysams.com>

Livros (em inglês):



Origem Megalítica: Göbekli Tepe e Peru Antigo – Os Mesmos Arquitetos?

Hugh Newman

Mais antigo 6.500 anos do que Stonehenge, e 7.000 anos antes das pirâmides serem construídas, um complexo templo megalítico foi assentado sobre as colinas próximas à atual Sanliurfa, sudoeste da Turquia. Göbekli Tepe floresceu de maneira surpreendente entre 12.000 e 14.000 anos atrás, e hoje, a preservação de seus vestígios ainda apresenta alto grau de sofisticação e engenharia megalítica habilidosa. Voltamos à década de 1990, quando Robert Schoch exclamou que a Esfinge poderia ser muitos milhares de anos mais antiga que se pensava, ele foi ridicularizado. Teorias populares de Graham Hancock, de uma civilização de 12.000 anos, da idade do gelo, foram barradas. Atualmente, há um complexo único e extremamente antigo que está abalando as fundações da ciência e da história, despertando interesse em nossas origens humanas, cuja datação por radio carbono feita por arqueólogos alemães levou ao final da última era glacial.

Em Setembro de 2013, tive a oportunidade de ir ver Göbekli Tepe. Eu havia somado esforços com os autores Andrew Collins e Graham Hancock na expedição Megalithomania em torno da Turquia para investigar esta enigmática descoberta.



Figura 7 Pilares em T e uma raposa em relevo - Göbekli Tepe

Esta também fora a primeira vez de Graham naquele lugar, e será documentada em seu próximo livro 'Magicians of the Gods'. Graham estava tão surpreso quanto eu. Para uma estrutura tão antiga, cuja qualidade da pedra e habilidade artística, apenas parecia que não deveria ter existido naquele tempo.

O arqueólogo americano Peter Benedict foi quem primeiro descobriu, em 1963, que algo iria acontecer, ao notar pedras pré-históricas em toda a área. Ele também descobriu alguns fragmentos quebrados muito bem fabricados, de blocos em

forma de T com esculturas em relevo. No entanto, devido à qualidade superior das pedras, estes foram classificados como artefatos bizantinos (1). Curiosamente, esta pedra que hoje encontra-se em exibição no museu de Urfa, visivelmente se parece com o que eu já tinha visto em Sillustani, Peru. Em 1994, o arqueólogo alemão Klaus Schmidt, reconheceu Göbekli Tepe como parte da cultura pré-cerâmica do neolítico, pois o estilo de escultura era semelhante à um sítio onde ele havia escavado anteriormente - Nevalı Çori. Um ano depois, as escavações começaram, embora o público em geral não tenha tomado conhecimento senão em 2000, quando uma revista alemã o documentou.

O que impressiona as pessoas que visitam este sítio é a complexidade das pedras, o tamanho dos pilares megalíticos e a magnitude da colina cuidadosamente coberta, feitos pelo homem. A construção original foi erguida sobre a rocha sólida, em seguida, montículos foram construídos em cima destes e outras construções no topo ao longo de um período de 2.000 anos, com os receptáculos finais contendo pedras de menor dimensão e menos sofisticação dos anteriores. Os maiores e mais antigos pilares, nos níveis inferiores, mostram esculturas em baixo-relevo de animais diversos, répteis, aves e serpentes. Alguns pilares parecem representar algo estranho, estátuas de humanos usando cintos da era espacial, com os braços flexionados em H (em cada pilar no compartimento D). O mais impressionante é uma estranha criatura em 3D em alto-relevo, mostrando um belo e original artesanato (para o período). Desta forma, há três tipos de peças em relevo em Göbekli Tepe. O 3D em alto-relevo, os relevos rasos de animais, e o H dos braços humanoides e seus cintos, além de um estilo mais rústico que ocorre em níveis posteriores, embora incrivelmente isto remonte há 8.000 anos.

Eu também achei interessante a formação do pilares. Por que escolher um design tão específico? Trata-se de uma construção abstrata que fica suavemente sobre a base, em covas muito rasas. Alguns pilares possuem aproximadamente 5.5 metros de altura, com a parte superior do "T" esculpida de modo à parecer que é um bloco separado do pilar principal, embora seja realmente uma única peça. O acabamento e a modelagem finalmente lembram Tiwanaku, na Bolívia, e alguns outros locais em torno do Peru. O maior pilar de pedra calcária em Göbekli Tepe, escalonado em aproximadamente 7 metros de comprimento, ainda está próximo à pedreira. Outro aspecto interessante do sítio são as inusitadas marcas de copo (cup-marks), encontradas principalmente no alicerce, mas também no topo de algumas das colunas mais antigas, que podem, em algum momento, lançar luz sobre o fenômeno "cup-mark" na Grã-Bretanha, muitos milhares de anos depois.



Figura 8 Cup-marks e uma base de pilar em Göbekli Tepe

Como parte da expedição, também visitamos um sítio Hitita chamado Alaca Höyük, próximo à Ankara, moderna capital da Turquia. Seus primeiros habitantes foram os Hatitas, adoradores da Terra enquanto deusa mãe, cujas raízes remontam à idade da pedra, que florescera em torno de 2350 aC à 1700 aC. Embora muito mais jovem que Göbekli Tepe, as paredes megalíticas não se distinguem das paredes poligonais encontradas em todo o Peru. O mosaico, formado por blocos irregulares, alguns pesando mais de vinte toneladas, são de um estilo único que se pensava existir apenas numa parte da América do Sul, mas em minhas viagens eu os vi na costa oeste da Itália, na Ilha de Páscoa, no Egito, além de terem sido fotografados em Delfos, Grécia, Albânia, Arábia Saudita e Japão. Apesar de separados por muitos milênios e grandes distâncias, esse estilo é, possivelmente, um dos mais difíceis de se realizar, já que cada bloco tem de ser esculpido com extrema precisão para que se encaixem e permaneçam juntos ao longo dos anos, mesmo através de terremotos. Mas Alaca Höyük, e nas proximidades de Hattusa, suas paredes não são planas, mas "fofas", basicamente salientes, que alguns pesquisadores chamam de "travesseiros". Não parece seguir qualquer plano em particular, mas uma técnica comum, elaborada pelos antigos construtores megalíticos. Isto levanta a seguinte questão: Havia uma elite global de construtores megalíticos na pré-história? Será que eles difundiram esta influência em todo o mundo e construíram sítios específicos? Com tantas semelhanças entre aqueles sítios no Peru e Bolívia, havia algo a ser feito.

Felizmente eu era co-organizador da expedição Megalithomania ao Peru e Bolívia em Novembro de 2013, com David Hatcher Childress e Brien Foerster. David tinha acabado de publicar um livro chamado 'Ancient Technology in Peru and Bolivia' - Adventures Unlimited Press (Tecnologia Ancestral no Peru e

Bolívia, em livre tradução), e Brien vem estudando estes sítios há 6 anos. Foi a equipe perfeita para tentar obter algumas respostas para esse mistério pré-histórico, e olhar para todos os indícios de que essas culturas antigas podem estar conectadas.

Após passar na Capital do Peru por alguns dias, subimos à Cuzco - "O Umbigo do Mundo". Curiosamente, o nome Göbekli Tepe possui um significado parecido (Monte do Umbigo) sendo um dos muitos "umbigos do mundo" ou "centros sagrados". Cuzco é uma cidade megalítica. Suas fundações são feitas de pedras poligonais precisamente esculpidas, que salta aos olhos já numa primeira visita. Mesmo nas ruas movimentadas de Cuzco você percebe manchas em relevo, principalmente de serpentes. No entanto, mais à sudoeste, às margens do lago Titicaca, as estranhas Chullpas, oficialmente consideradas como torres funerárias circulares, são construídas de enormes blocos megalíticos, contendo vários segredos antigos. No alto das escarpas, sempre com uma subida íngreme até elas, estas torres são um mistério, feitas com uma surpreendente engenharia de precisão, obviamente para durar por várias gerações. O exemplo mais famoso é Sillustani, um sítio que visitei várias vezes. Não somente este sítio possui torres circulares como também uma Chullpa quadrada, única, feita de grandes blocos poligonais finamente cortados. O mistério é que se assemelha com perfeição à uma das plataformas na Ilha de Páscoa, cerca de 2.600 quilômetros de distância através do Oceano Pacífico. Sillustani possui várias esculturas em relevo semelhantes à Göbekli Tepe, incluindo serpentes, lagartos, raposas, pumas e outras criaturas incomuns. Uma torre, parcialmente intacta, mostra um bonito, mas muito desgastado lagarto, que só pode ser visto em determinados momentos do dia, quando o sol atinge aquela parte da torre. Há vários outros exemplos espalhados no lado de fora do museu. Alguém, tempos atrás,

obviamente enxergou sua importância arqueológica e os colocou ali fora, para que um dia fossem exibidos no museu, mas isso nunca foi feito, e agora estes objetos estão sofrendo condições ambientais severas. No entanto, eles estão lá para mostrar a mentalidade dos construtores megalíticos daquela região.



Figura 9 No Topo: à esquerda, Cuzco, Peru; à direita oeste da Itália. Abaixo: à esquerda, Alaca Hoyuk, Turquia; à direita: invólucro de pedra no platô da Pirâmide de Gizé.

Talvez, como o sol girava em torno das torres circulares, expondo os relevos em apenas algumas horas do dia, isto poderia ter sido um relógio, ou possuía algum significado xamânico? Gostaria de saber se Göbekli Tepe funcionava de maneira similar, bem como quem reparou o local cobrindo com milhares de toneladas de terra, mantendo os pilares em sua posição correta, sugerindo que estes possam conter segredos astronômicos ainda por serem decifrados.

Cutimbo é outro sítio contendo chullpas, em torno do Titicaca, à cerca de 25 quilômetros de Puno, a maior e mais próxima cidade. As pedras aqui atingem outro nível de complexidade, com o trabalho em pedra poligonal de forma "fofa", juntamente com outros relevos requintados, como serpentes, pumas e até mesmo rostos de criaturas que emergem das pedras, como se fossem pumas (talvez) correndo em sua direção, vindos do interior da torre. Como você pode notar nas imagens há semelhanças com Göbekli Tepe. Os rostos que emergem da pedra, se parecem com a estátua de um "totem" de pedra, encontrado em Göbekli Tepe, agora no museu em Urfa.



Figura 10 No Topo: à esquerda, Sillustani, Peru; à direita Pillar em Göbekli Tepe. No centro: Cutimbo, Peru. Abaixo: à esquerda Sillustani; à direita, o primeiro artefato encontrado em Göbekli Tepe, originalmente creditado como Bizantino.

Próximo à entrada para Cutimbo, entre as pilhas de rocha quebrada, há um relevo sem igual, de um bicho atrevido sentado em cima de um pedaço de rocha que fazia parte de uma das torres. Parece algum tipo de felino, mas seus dedos alongados incomuns são anômalos. Este se assemelha à criatura em vertical no solitário alto-relevo de Göbekli Tepe.



Figura 11 Chullpa em Sillustani com Lagarto em relevo, Peru.

Há 10.000 anos, na região crescente e fértil de Göbekli Tepe, desenvolveu-se a domesticação de animais bem como a agricultura. Análises das sementes descobertas na área mostram que era praticado o cultivo do trigo em Nevalı Çori em 7200 aC (2). No entanto, os métodos agrícolas estavam em pleno andamento em torno de 9400 aC, com a domesticação de figos em Jericó (3). Nas terras altas do Peru, as mesmas habilidades estavam sendo praticadas, ao mesmo tempo. O arqueólogo antropológico Tom Dillehay, da Universidade Vanderbilt, revelou que as sementes de abóbora que ele encontrou em antigas caixas de armazenamento, nas encostas ocidentais

inferiores dos Andes, possuem quase 10.000 anos de idade. (4). Ele também descobriu evidências de algodão, cultura de amendoim e o que parece ser uma enxada de jardim, e canais de irrigação nas proximidades (ibid). Evidentemente, alguma coisa estava acontecendo ao redor do mundo ao final da última era glacial.



Figura 12 No topo: esquerda, totem de Göbekli Tepe; direita, estátua no San Jose, museu da Costa Rica; abaixo: Chullpa em Cutimbo, Peru.

É difícil saber quem eram estes povos, mas algumas pistas controversas foram surgindo ao longo de vários séculos. Por exemplo, em um sítio cerca de 6 quilômetros de Tiwanaku, Bolívia, foi descoberta uma tigela de cerâmica com aproximadamente 1 metro de diâmetro, mostrando uma escrita proto-sumérica, ao lado de uma espécie de roteiro indígena aimará, no que foi atribuída como "A Pedra de Rosetta da

América do Sul". Os escritos não somente sugerem a visita dos sumérios, para as margens do lago Titicaca, segundo o que já foi traduzido; e o uso deste tipo de roteiro foi datado de 3500 aC. O que isto significa? Certamente parece que houve uma visita por parte dos sumérios há cerca de 5500 anos, e quando olhamos para o local onde esta linguagem era usada, de repente vemos uma conexão direta entre Tiwanaku e os construtores de Göbekli Tepe e arredores. (Apenas uma nota. Os famosos blocos H de Puma Punku são ligeiramente semelhantes aos H sobre os pilares em Göbekli Tepe - esta é uma ligação tênue, mas que vale à pena ser mencionada!)



Figura 13 Topo: Relevo de Göbekli Tepe. Abaixo: Cutimbo, Peru.

Arthur Posnansky, eminente arqueólogo da Bolívia, datou Tiwanaku em torno de 17.000 anos de idade, baseado na arqueoastronomia. No entanto, desde suas deduções iniciais,

esta data foi revista várias vezes, e colocada para baixo ao menos uma vez através da "tigela Fuente Magna". Quando você visita Tiwanaku e Puma Punku, parece que um cataclismo deu o seu melhor para destruí-los muito tempo atrás, e com as evidências de uma agricultura avançada que iniciava numa América do Sul fértil e crescente ao mesmo tempo, devemos reconsiderar a ideia de que, talvez a "tigela Fuente Magna" é, na verdade, apenas parte de uma ligação cultural já existente há milhares de anos. Um pilar interessante também foi encontrado em Tiwanaku mostrando o relevo de um sapo, cercado por duas espirais duplas, e o que parece ser um raio. Espirais duplas e triplas são símbolos encontrados em todo o mundo, mais notavelmente em Malta, que possui estruturas megalíticas datadas em 5.000 aC.



Figura 14 A tigela Fuente Magna mostrando uma escrita proto-sumérica.

Em Coga Safid, região de Zagros, Iraque, e que remonta 7000 aC. um crânio alongado e incomum fora descoberto. Ele constitui um dos 27 crânios com deformidade encontrados naquela área (5). Trata-se de exemplos de deformações cranianas antigas, ou uma raça totalmente desconhecida, no que alguns autores sugerem a presença dos Annunaki naquela área sumérica. Este tipo de crânio é um achado espetacular. Em torno de nove mil

anos atrás, é contemporâneo à Göbekli Tepe. Se assemelha à muitos dos que foram descobertos no Peru e Bolívia, incluindo Tiwanaku e Puma Punku. Na verdade, estes crânios longos (muitas vezes com trepanações) foram desenterrados em quase todos os sítios megalíticos do Peru e Bolívia. Numerosas estatuetas encontradas no Iraque retratam seres humanos de rosto fino e crânio muito longo, que datam 6500 aC. Em Kilisik, próximo à Göbekli Tepe, um artefato em forma de T parecido com um crânio alongado fora também descoberto, no que lembra os pilares antropomórficos de Göbekli Tepe, com uma data de 8.000 aC. No Peru e Bolívia esses crânios foram encontrados em várias culturas de tempos diferentes. A cultura Paracas, ao longo da costa oeste, parece ser a mais importante, mas crânios foram encontrados em Machu Picchu, Sillustani, Cuzco, na região dos planaltos ao norte, em torno de Huaraz, e no Equador, Honduras, Chile e México. Um número surpreendente de crânios foram encontrados em todo o mundo, próximos à sítios megalíticos incluindo Egito, México, Micronésia, América do Norte, Ucrânia, França, Áustria, Malta e muitos outros (6). Os longos crânios podem ter sido sinal de realeza, ou algum tipo de elite sendo que alguns pesquisadores esotéricos acreditam que isso afetava a glândula pineal melhorando a telecinese, e alavancando a estranha teoria sobre como eles podem ter movido estas enormes pedras.



Figura 15 Topo: Motivos em "H", Göbekli Tepe. Embaixo: Blocos em "H" de Puma Punku, Bolívia.

Pode-se facilmente argumentar que estas culturas, distantes entre si, não somente separadas pelo tempo, mas também pela distância, possuíram todas estas ideias de maneira independente. Eu não tenho esta certeza, pois as esculturas em alto-relevo, paredes em construção poligonal, pedreiras e transporte de super megálitos, alteração dos crânios ao longo da vida (e muitos outros pontos mencionados anteriormente), não são coisas que podem ser colocadas tão distantes umas das outras por pura e simples coincidência, ou que suas culturas poderiam atingir, uma vez que todos estes são difíceis de se alcançar. Desde a descoberta de Göbekli Tepe, uma nova datação dos sítios no Peru e Bolívia merecem espaço e maior investigação, já que este tipo de sofisticação incrivelmente antiga pode ser a sacudida que a ciência necessita, nos dando uma nova visão sobre nossas origens megalíticas ancestrais.



Figura 16 Espirais entalhados em Tiwanaku

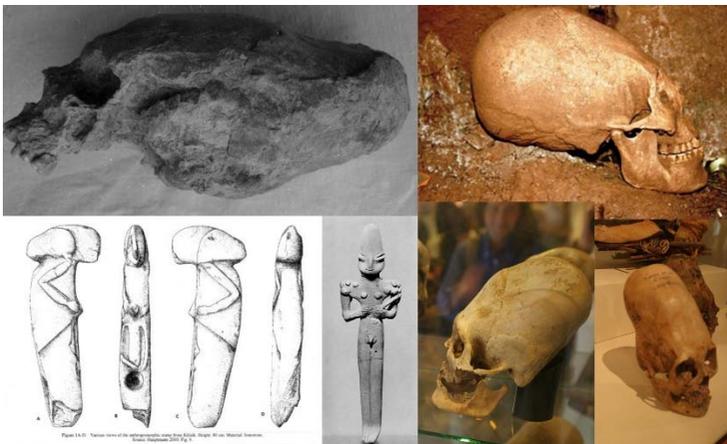


Figura 17 Topo: esquerda, serpente entalhada de Nevali Cori. Embaixo: esquerda, serpente em Göbekli Tepe. Topo: direita, Sillustani, Peru. Ao centro: direita, Cutimbo, Peru. Embaixo: direita, Cuzco, Peru, com o autor.

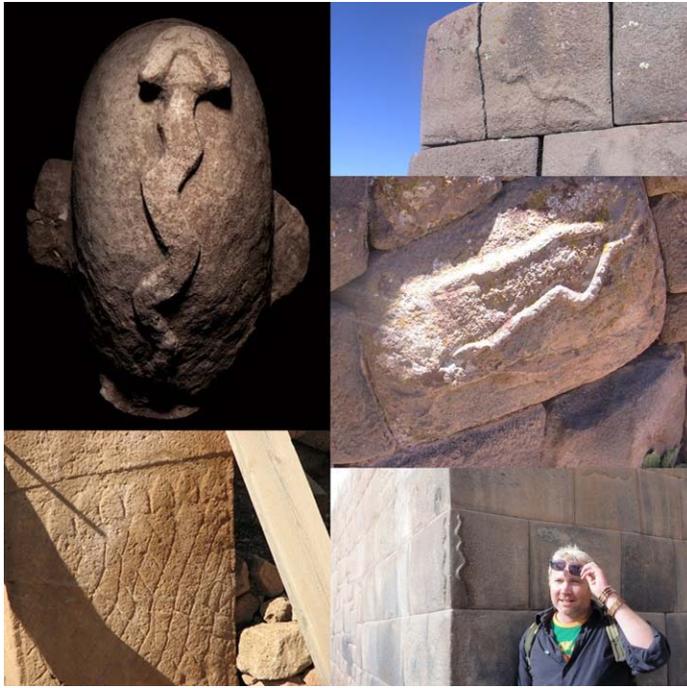


Figura 18 Topo: direita, serpente entalhada em Nevali Cori. Embaixo: esquerda, serpentes em Göbekli Tepe. Topo: direita, Sillustani, Peru. Centro: direita, Cutimbo, Peru. Embaixo: direita, Cuzco, Peru com o autor.

Encontre Hugh (em Inglês) [em Ancient Origins](#).

Webpage: www.megalithomania.co.uk/hughnewman.html

Megalithomania **website:** www.megalithomania.co.uk

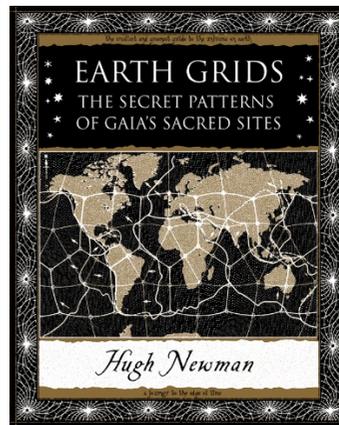
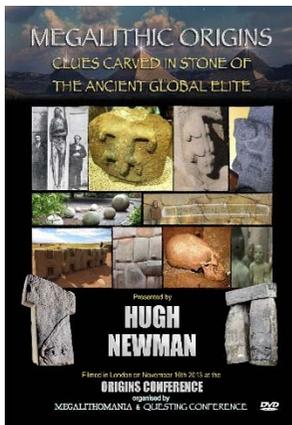
Megalithomania **Fan Page** Facebook: 

Megalithomania **Facebook:** 

Megalithomania **Youtube:** 

Megalithomania no **Twitter:** 

Hugh Newman, DVD e Livros:



Antibióticos de Ontem: Procedimentos Médicos Antigos que Ainda Estarrecem os Cientistas

Dra. Rita Louise

Atualmente, quando pensamos em cirurgia, pensamos em médicos trabalhando em ambientes esterilizados e utilizando instrumentos em um paciente anestesiado. Nem sempre foi assim. Técnicas cirúrgicas antigas, incluindo suturas, amputação de membros, drenagem e cauterização de feridas abertas têm sua origem no mundo antigo. Estas intervenções médicas, no entanto, não foram nossas primeiras aventuras no mundo da medicina. O procedimento médico mais antigo que se tem conhecimento, uma forma de cirurgia cerebral, chama-se trepanação.

Trepanação é uma intervenção cirúrgica utilizada para tratar problemas relacionados à doenças intracranianas. Envolve a remoção de parte da estrutura óssea craniana que rodeia o cérebro. A palavra trepanação vem do grego "trypanon", que significa "um furo". A prática da trepanação envolve perfurar ou raspar um buraco no crânio para expor a membrana espessa que envolve o cérebro chamada dura-máter. A dura-máter é uma camada de tecido que separa crânio e cérebro. Sua função é proteger o cérebro de lesões.

Na cultura popular de hoje existe a crença de que a prática da trepanação está limitada à áreas do Peru, casa de alguns dos mais notáveis exemplos de deformação craniana encontrados no mundo. Espantamo-nos com as proezas de nossos ancestrais peruanos, mas em todo o mundo, milhares de crânios

descobertos mostram claros sinais de trepanação. Esta antiga prática fora utilizada por toda a Europa e Rússia, na África, Polinésia, China e América do Sul. Em algumas culturas indígenas ainda é utilizada.



Figura 19 Cavidade craniana Nazca-Peruana de 2000 anos atrás, presumivelmente para aliviar uma inflamação da cavidade frontal.

O estudo da trepanação tem suas raízes na França. O ano era 1685 quando o monge beneditino francês Bernard de Montfaucon descobriu um crânio com um furo. Sua descoberta inicialmente foi ignorada pela comunidade científica até que um segundo crânio foi descoberto por Alexander François Barbier du Boissac em Nogent-les-Vierges, em 1816. O exame daquele crânio revelou que seu furo não era resultante de um acidente, lesão ou ferida de batalha, mas sim, intencionalmente feito. O que espantou os pesquisadores, que começaram a investigar casos de trepanação em meados da

década de 1800, foi de que este procedimento fora feito em pessoas vivas e, na maioria dos casos, estas sobreviveram à cirurgia.

Explorações em sítios arqueológicos de toda a França revelaram centenas de crânios com sinais de trepanação. Crânios descobertos na caverna de l'Homme-Mort, as grutas sepulcrais de Baye e no dólmen de Lozère remontam ao período Neolítico, cerca de 4000 - 5000 anos atrás.

As perfurações em alguns dos primeiros crânios trepanados foram feitas através de raspagem do crânio com pedra afiada, como um floco de obsidiana ou sílex. Estes furos variam de tamanho, de poucos centímetros de diâmetro à outros que abrangem aproximadamente metade do crânio.

Dos crânios examinados, mais de 80% dos indivíduos que receberam a trepanação durante o Neolítico viveu meses ou mesmo anos após o procedimento. Isto é evidenciado pelo nível de cura ocorrido em torno do local da trepanação. Se nenhum sinal de cura é observado, conjectura-se que o indivíduo morreu durante ou imediatamente após a cirurgia. No entanto, muitos crânios investigados apresentaram depósitos de cálcio ao redor do local da cirurgia. Este é um indicador de crescimento do osso novo e um claro sinal de cura. Em alguns casos, a calcificação selou completamente a trepanação.



Figura 20 Crânio de uma menina, trepanado com sílex; Neolítico (3500 aC); paciente recuperado. Museu de História Natural, Lausanne.

Até recentemente, um sepultamento descoberto em Ensisheim, uma comuna situada na França, fora identificado como o exemplo mais antigo de trepanação. Um ainda mais antigo, na Ucrânia, há pouco tempo lhe substituiu. O achado de Ensisheim data de 5100 - 4900 aC. O homem sepultado não "entrou na faca" apenas uma, mas duas vezes. O material esquelético, que fora retirado do crânio, media 2.5 por 2.4 centímetros na região frontal de sua cabeça. O outro ponto cirúrgico revelou uma enorme quantidade de osso faltando, com 3.7 por 3.6 centímetros de secção maciça de crânio removido. As evidências também indicaram que o homem sobreviveu às duas cirurgias por causa da cicatrização óssea em cada um dos pontos.

Assim como muitas coisas surgem desde a mais remota antiguidade, quanto mais escavamos, mais perguntas nos restam. Há uma grande especulação sobre o porquê das civilizações antigas terem implementado este procedimento cirúrgico delicado em primeiro plano. Culturas do período moderno, incluindo aquelas possuidoras de uma medicina mais engenhosa, ainda aplicam a trepanação, indicada para aliviar a pressão intracraniana, dores de cabeça, epilepsia e transtornos mentais. Alguns afirmam que fora usada para fins ritualísticos, para extirpar os maus espíritos que causam doenças ou para aprimorar as experiências espirituais.



Figura 21 Museu Quintana. Cultura dos Campos de Urnas (Século IX aC): Amuletos criados com fragmentos circulares de crânio humano, resultantes da trepanação.

Evidências, com base na localização demográfica dos crânios estudados em todo o mundo, sugerem que esta prática era usada para aliviar ferimentos na cabeça causados por armas, incluindo clavas e atiradeiras. Há uma diferença estatisticamente significativa de homens submetidos à este procedimento em relação às mulheres e crianças. Estes números apoiam a tese de que os indivíduos foram trepanados devido à ferimentos de

guerra, uma vez que apenas os homens normalmente se envolviam nestes atos.

O surgimento da medicina moderna no Século XIX viu rápidos avanços na ciência, incluindo a introdução da anestesia, bem como médicos em atividade num ambiente cirúrgico asséptico. Com base em padrões pré-cirúrgicos antissépticos dos Séculos XVIII e XIX, indivíduos submetidos à trepanação como procedimento "salva-vidas", sofreram uma taxa de mortalidade de quase 100%. Infecções no ambiente cirúrgico devido às condições sanitárias, muitas vezes levam à contaminação. Além disso, os antibióticos e outros medicamentos específicos ainda não faziam parte do arsenal médico. Isto faz os médicos e pesquisadores de hoje duvidarem da eficácia deste procedimento na antiguidade.

Onde estes médios ancestrais aprenderam as habilidades necessárias para se cortar o cérebro humano? Como eles, usando uma pedra afiada, aprenderam raspar ossos o suficiente para expor o cérebro, sem danificar vasos sanguíneos subjacentes, meninges e cérebro? Não encontramos quaisquer evidências apoiando uma longa história de práticas, tentativas e erros. Contudo, a maré virou quando eles perceberam que, nas culturas indígenas, que ainda se utilizam de métodos antigos, a taxa de sobrevivência era incrivelmente alta. Ainda é um mistério como estes primeiros curandeiros aprenderam a fazer.

O impressionante sucesso de nossos ancestrais do Neolítico testemunha seu nível avançado de conhecimento. Mesmo nos modernos ambientes cirúrgicos, os médicos evitam este delicado procedimento, recorrendo à ele como um último recurso para aliviar a pressão intracraniana ou drenar hemorragias.

Ainda nos maravilhamos com as habilidades de nossos ancestrais. Sua taxa extraordinária de sucesso é prova de suas habilidades técnicas. Em sua primeira aventura no reino da medicina, eles foram capazes de concluir com êxito um processo cuja medicina moderna se esquivava. O que torna mais incrível ainda é que tudo isso foi feito num ambiente não estéril, sem anestesia e sem acesso à antibióticos. As provas apresentadas por centenas de crânios encontrados na França, assim como em todo o mundo, demonstra a extraordinária conquista destes cirurgiões antigos - e seus pacientes que viveram para falar disto.

Encontre Rita (em Inglês) [em Ancient Origins](#).

website:

<http://www.soulhealer.com>

Ouça Rita ao vivo em

<http://www.justenergyradio.com>



Jezabel Virgem de Baal, Princesa de Tiro, Rainha de Israel

Margaret Moose

Jezabel - Até hoje seu nome é sinônimo de perversidade e promiscuidade. Ela a mais depravada das mulheres, uma assassina, adúltera e pior, idólatra. Foi tão odiada por alguns dos seguidores de Javé, que estes, após sua morte, dedicaram-se a difamá-la à ponto de mudarem seu título Virgem de Baal para Prostituta de Baal. Mas o que realmente causou tal reação aos seguidores de Javé? Como poderia uma simples mulher desafiar tais homens de Deus?

A história começa depois da morte do rei Salomão, quando os israelitas se dividem em dois reinos, Israel ao norte, e Judá ao sul. O primeiro rei do norte foi Omri, e ele estabeleceu seu capitólio num lugar chamado Samaria. Omri construiu seu complexo em uma colina comprada de um homem chamado Semer, para o qual pagou dois talentos de prata. A antiga cidade de Samaria é hoje disputada entre israelenses e palestinos e, infelizmente, está em um estado tão precário, ameaçada por vândalos, ladrões e pela negligência. As escavações mais conhecidas naquele sítio datam de 1908 - 1910 e novamente em 1930. O Departamento Palestino de Antiguidades, formado em 1997, trabalha na proteção e escavação do local, com aproximadamente uma dúzia de escavações sendo conduzidas. Este antigo sítio, um dos mais documentados pela Bíblia, foi local de enterro de João Batista, José e os dez reis de Israel.

O que causou o abandono virtual por parte dos arqueólogos até recentemente? Aquele local parece ter sido o marco zero para a guerra entre os adoradores dos antigos deuses e os seguidores

do Senhor - para os quais não havia outros deuses e nenhuma violência ou traição para atingir seus objetivos. Que verdades estão sepultadas na cidade de Samaria?

Após o governo do rei Omri, seu filho Acabe tornou-se rei de Israel, e em cerca de 874 aC, a princesa Jezabel de Tiro (Fenícia), foi levada para o reino do norte à fim de se tornar sua noiva e cimentar o comércio e aliança militar entre os dois reinos. Foi um acordo muito vantajoso Israel aliar-se à poderosa e rica Fenícia. Então, a Bíblia diz que o pai de Jezabel, o rei Etbaal, era sacerdote de Baal, mas de acordo com os anuários de Tiro, atualmente perdidos, ele foi, provavelmente, o sumo sacerdote de Astarte. Astarte era principal deidade fenícia, uma deusa, e Baal era seu filho, consorte ou marido dependendo da região.

Eu posso afirmar que a adoração de uma divindade feminina possuía questões muito profundas neste conflito, e, conseqüentemente, aquela deusa fora retirada da história, tanto quanto possível, para esconder o fato de que sua adoração era generalizada. A presença de uma divindade mulher era simplesmente um estado imaginável para os seguidores de Javé, neste momento, como é para as três religiões que O seguem.

A bíblia margeia a questão do culto da deusa como principal religião na época, referindo-se à Baal como a maior divindade quando de fato este não era o caso; na verdade Baal era o consorte de Astarte, que morre todos os anos e então renasce, no que feriados de luto celebram anualmente este ciclo. Essa história soa familiar? Em épocas remotas, Astarte ou Ashtoreth, como era conhecida, era a consorte de Jeová antes da transição para o monoteísmo, e, aparentemente, os israelitas tiveram alguma dificuldade para se ajustar à medida em que ressurgia sua antiga adoração aos deuses dualistas antigos.

Jezabel foi levantada como um acólito de Astarte e Baal, e trouxe consigo estas crenças religiosas para Israel. A Bíblia nos quer fazer crer que Jezabel forçou sua religião sobre o povo, mas a verdade é que a região, cuja população já era de origem multiétnica, estava longe de ser unida por um só deus - embora a religião do Estado de Israel fosse a adoração de uma única divindade masculina, a adoração de muitos deuses e deusas era comum. Os seguidores de Javé estavam, no entanto, determinados a acabar com todas as religiões exceto a deles, por todos os meios que fossem necessários.

Após seu casamento, Acabe construiu uma "casa de marfim" para Jezabel honrar suas divindades, e este presente, de um marido para sua esposa, tem sido utilizado como exemplo de fraqueza em relação à sua esposa e da opulência dos pagãos, e não como um gesto bonito feito para uma jovem, distante de seu lar, sentir-se bem-vinda. Restos de móveis de marfim e outras relíquias foram recuperados de Samaria em escavações entre 1908 - 1910, sugerindo que a casa de marfim realmente existiu. A Bíblia destaca que Acabe erigiu um altar à Baal e em seguida, menciona que ele também devotou-se à seu culto (1 Reis 16:31-33). Isto pode ser facilmente deixado de lado, mas o fato é que Acabe erigiu um bosque para a deusa, onde foram plantadas árvores sagradas num claro reconhecimento da deusa e Baal.



Figura 22 A aldeia ao longo da encosta leste da montanha samaritana, onde se acredita ser o local do palácio de marfim do rei Acabe

Jezabel não tomara sua posição como rainha de Israel - um ato de submissão; ela era filha de um poderoso imperador e tinha direito à este poder, o que parece ter sido seu primeiro pecado aos olhos dos seguidores de Javé. Ela era uma mulher que falava de seu próprio pensamento e seguia suas crenças e cultura; sua recusa em curvar-se a fez perigosa.

Em algum ponto do tempo, Jezabel parece ter sido forçada à uma tentativa de obter tolerância religiosa em seu reino, colocando-se contra alguns dos profetas de Javé. O profeta Elias estava afirmando que a seca que afetava a região era castigo de Deus e isso causou estresse e agitação. Em Reis 18:4, é dito que Jezabel destituía os profetas do Senhor, porém isso não está claro. Talvez eles estivessem causando extrema agitação, pregando nas ruas que o mal do rei é que estava causando a seca, e, por sua

vez, ameaçavam a soberania do rei ou talvez as acusações não fossem mesmo verdadeiras; não há nenhuma menção de nomes ou lugares. Independentemente do motivo, ela era de fato uma representante do governo, por isso, suas ações sobre pessoas estavam condicionadas às ações do estado, podendo ou não podendo ser garantidas. Nós provavelmente nunca saberemos, mas este pequeno verso tem sido usado para difamá-la posto que as ações de outros foram muito mais horríveis.

Num esforço para provar a superioridade de Javé, Elias, o profeta, planejou um concurso no Monte Carmelo, entre ele e os profetas de Astarte e Baal, dos quais existiam 850 à serviço de Jezabel. Conforme a história, dois touros foram sacrificados e colocados em piras. Os acólitos de Astarte e Baal tentaram com que, primeiro, suas divindades acendessem o fogo, mas sem sucesso; e apenas com uma súplica de Elias, o Senhor enviou fogo para acender o sacrifício. Depois disso, Elias ordena a matança de 850 servos de Astarte e Baal, declarando que nenhum deles escaparia. A descrição deste assassinato em massa de 850 pessoas é muito específica, ao contrário da vaga referência à Jezabel destituindo alguns dos profetas de Javé, contudo, ninguém parece ver os atos de Elias como algo repugnante. Qualquer ato é aceitável quando ordenado por Deus? Eu creio que o leitor moderno pode ver essa história como um artifício usado por Elias para subjugar todos os profetas de Astarte e Baal num único lugar, para em seguida, enganar o público com um truque, acendendo a fogueira, ou talvez o fogo nunca tivesse ocorrido; é difícil acreditar que uma história em que todos aqueles que poderiam contar uma versão diferente foram mortos. Então, claro, há o relato de Elias fazendo chover e interrompendo a seca. Isto foi um milagre, uma coincidência ou apenas uma estória inventada?

Evidentemente, este é um grande conto, especialmente se você gostar de assassinatos em massa, mas pergunte-se por que um homem cujo deus lhe manda fogo, lhe faz interromper uma seca de três anos, se esconde quando Jezabel, uma simples mulher, compreende o que ele fez, deixando claro que quer vê-lo morto assim como seus profetas. Por que não pedir à Deus para feri-la de morte? Em vez disto ele fugiu para o Monte Sinai com o intuito de se esconder.

O duro golpe da morte de seus profetas não derrubou Jezabel. Então, uma trama mais complicada fora posta em prática com o intuito de mostrar que ela manipulara o marido e violara as leis do país. Este conto tem seu início com o rei Acabe querendo comprar os vinhedos próximos para que pudesse fazer uma horta de vegetais... sim, uma horta de vegetais. O proprietário das vinhas, um homem chamado Nabote, recusa-se a vender ou trocar suas vinhas, até mesmo por algo mais valioso, uma vez que ele herdou as terras de seu pai e as leis israelitas declaravam que devia mantê-las para sempre. Segundo a Bíblia, Acabe ficou tão chateado com o problema de sua nova horta, que foi para a cama recusando-se a comer; comportamento estranho para um poderoso rei guerreiro, mas é assim que está na Bíblia. Jezabel então lhe diz que obterá as terras para ele. Muitos interpretam a reação dela como alguém que veio de uma terra onde os governantes fazem aquilo que bem entendem, em vez de como era em Israel, onde os governantes não estavam acima das leis do país, assim como Davi e Betsabá, por exemplo. Jezabel disse ter escrito cartas para as pessoas da cidade, pedindo-lhes para acusar Nabote de crime de blasfêmia e, em seguida, levá-lo para fora e apedrejá-lo. Ela fez isto sem o conhecimento de Acabe, mas usou seu selo nas cartas para supostamente assegurar a cooperação do povo. Eles obedeceram sem questionar; Nabote foi morto e o rei automaticamente ficou com sua vinha, já que

seu proprietário fora condenado por um grave crime... muito arranjado, exceto por alguns fatos gritantes na estória.

Primeiramente, por qual razão os anciãos e proprietários de terras da cidade seguiram essas instruções sem nenhum questionamento? Ninguém falou em defender um homem cuja propriedade das terras era algo já sabido e que recusar vendê-las era algo de seu direito. Se Jezabel era de fato uma prostituta odiada, por que ninguém denunciou seu plano após tal fato? Não faz sentido. Em segundo lugar, se as cartas foram assinadas pelo rei, como é que eles sabem que o envio fora feito pela rainha, e por que seja rei ou rainha, enviaria várias cartas pedindo que as pessoas testemunhassem falsamente contra um homem? Parece auto incriminador. A estória não somente não soa verdadeira, mas parece, na melhor das hipóteses, uma mentira fabricada, e na pior, uma armação que pode ter resultado na morte de Nabote por uma horta de vegetais. É claro que não duvido que algo tão pequeno como isso poderia ser verdade, pois a Bíblia está cheia de tais contos; no entanto, este é o menos consistente.



Figura 23 Jezabel e o rei Acabe conversando com Nabote

A trágica morte de Nabote, porém, enfureceu o sempre justo Elias e o Senhor disse-lhe para ir até Acabe dizer que sua posse da terra através do assassinato não ficaria impune e que seu sangue seria lambido por cães no mesmo lugar onde morrera Nabote. Elias, entretanto, disse à Acabe que Jezabel seria devorada pelos cães.

Acabe morreu de ferimentos de batalha após ter governado entre 874 e 853 aC. O segundo filho de Acabe e Jezabel, Jorão, assumiu o trono como rei legítimo de Israel. Elias foi levado ao céu sem morrer por ser o tal "grande cara", e seu seguidor, Eliseu, havia assumido a sua causa. Eliseu declarou que um dos comandantes de Jorão, Jeú, seria o novo rei e exterminaria a casa de Acabe. O rei Jorão estava no campo de batalha e saudou Jeú que lhe respondeu: "Como pode haver paz, enquanto continuam toda a idolatria e as feitiçarias de sua mãe, Jezabel?" (2 Reis 9:22). Ele, então, assassinou o rei com uma flechada no coração.

O corpo do rei Jorão foi jogado nas terras de Nabote. Jeú havia decapitado os setenta descendentes de Acabe e levaria suas cabeças para Jezreel, colocando-as numa pilha. Agora, o usurpador Jeú seguiria para Jezreel à fim de matar aquela que odiaram por tanto tempo, Jezabel.



Figura 24 Elias e o rei Acabe

Jezabel, sabendo que estava prestes à ser morta, não fugiu. Em vez disto, se preparou para a chegada de Jeú, colocando cajal em volta dos olhos, cobriu os cabelos e preparou-se para a despedida. A Bíblia menciona que seus olhos como um truque feminino de sedução, mas no caso de Jezabel, possivelmente era como ela se vestia para adorar suas divindades, assim como as

sacerdotisas de Hator delineavam seus olhos. A Bíblia nos quer dizer que Jezabel preparava-se para seduzir Jeú à fim de salvar sua própria vida, mas com sua chegada, ela zombou chamando-o de Zinri, governante antecessor de Omri, que subiu ao trono após matar o rei Elá - isto não foi uma boa comparação nem tampouco uma tentativa de sedução. "Está tudo bem, Zinri, assassino de seu senhor?" (2 Reis 9:31), perguntou assim que ele chegara, após matar-lhe o filho, seu rei. Jeú ordenou que os eunucos de Jezabel a defenestrassem - seu sangue espirrou pelas paredes uma vez que seu corpo foi pisoteado pelos cavalos dos soldados. Depois de sobrepujar uma mulher desarmada, Jeú anunciou que seu corpo não deveria permanecer na rua posto que era filha de um rei, numa insinuação clara de que ele tinha segundas intenções em relação ao tratamento que a princesa fenícia deveria ter. Porém, quando seus homens foram recuperar o corpo, este já havia sido consumido pelos cães assim como profetizara Elias. Jeú continuou a purgação aos sacerdotes, membros e pessoas associadas à família de Acabe, matando-os e mutilando seus corpos.



Figura 25 A Morte de Jezabel

Jezabel enfrentou a morte com espírito de coragem; jamais implorara por misericórdia ou abandonara suas crenças. A Bíblia lhe chama bruxa e prostituta, mas não há realmente nenhuma evidência disto, mesmo na campanha difamatória travada contra ela, que era, por todas as contas, fiel ao marido e leal à sua família; e poderosa aliada à estes e à pátria que adotara. Nunca houve qualquer evidência de infidelidade, mesmo depois de sua morte. Ela foi, naturalmente, culpada de uma coisa, o politeísmo do qual ela não hesitou em admitir.

A história de Jezabel parece ter uma base real, além de ser um grande exemplo de estória escrita pelos vencedores. Sua estória foi obviamente colorida pelos preconceitos religiosos dos

escritores da Bíblia, que eu não entendo como alguém viu suas ações como algo tão mal, enquanto Elias e os seguidores de Javé tenham sido justos. Os seguidores de Javé abateram centenas de pessoas, amontoando suas cabeças decepadas, assassinando um rei, uma mulher defenestrada e pisoteada por cavalos; e depois, caçaram centenas de outros que foram associados à família e picados em pedaços. E a única coisa que motiva o comportamento destes matadores sociopatas é que Deus lhes disse para fazer. A morte de Jezabel é mais do que apenas a morte de uma mulher; sua morte é um destes momentos na história onde o culto às divindades dualistas foram substituídos pelo monoteísmo às custas de um banho de sangue, e onde a nova religião começou a importante tarefa de apagar o passado.

Felizmente, novas escavações em Samaria trarão mais fatos sobre a vida destes primeiros governantes de Israel no tempo em que o deus e a deusa eram sagrados para o povo. Ironicamente, o assassinato de toda a família de Acabe pelos seguidores do Senhor, levou Atalia, filha de Acabe e Jezabel, ao trono de Judá... mas esta é outra história sangrenta.

Referências (em Inglês)

- Howe Gaines, Janet. [Jezebel, Phoenician Queen of Israel](#). *Bible Review*, October 2000
- www.thaliatook.com
- <http://ocp.hul.harvard.edu/expeditions/reisner.html>
- Debolt, Virginia. Jezebel Revisited. www.vdebolt.com
- Holy Land archaeological site caught in political crossfire, suffers from looting, neglect By Daniela Berretta, Associated Press June 3, 2013 8:48 AM

- Excavations done at former Israelite capital Shechem. By [OREN KESSLER](#) www.jpost.com/National-News/Excavations-done-at-former-Israelite-capital-Shechem
- Dever, William G. *Did God Have A Wife? Archaeology and Folk Religion in Ancient Israel*.
- William B. Eerdmans Publishing Company, 2005. [ISBN 0802828523](#)
- Smith, Mark S. *The Early History of God: Yahweh and the Other Deities in Ancient Israel*.
- William B. Eerdmans Publishing Co., 2002. [ISBN 080283972X](#)
- “How bad was Jezebel”, article by Janet Howe Gaines at Phoenicia.org
- www.allaboutarchaeology.org/samaria.htm
- <http://en.wikipedia.org/wiki/Samaria>
- The Bible

Encontre Margaret [em Ancient Origins](#).

As pedras que desafiam a história convencional

Steven e Evan Strong

Eu e meu filho Evan muito temos escrito sobre o sítio em que Frederic Slater, presidente da Australian Archaeological Education and Research Society, propusera como o "Stonehenge australiano", e que nós nos referimos como o sítio de "Standing Stones", além de um sítio complementar que nós chamamos "Adam's Garden". O que não está claro, nem tampouco compreendido totalmente, é que estes sítios fazem parte de um complexo muito maior.



Figura 26 Reconstrução do sítio Standing Stones

Há bem mais do que os sítios mencionados, mas devido à questões legais e nossa preocupação com o vandalismo, podemos oferecer poucas informações relacionadas à geografia, distâncias e localização. E apesar de não podermos revelar neste momento, acreditamos que ao combinar estes dois sítios, além

de outros nas imediações, haverá aspectos gerais tão antigos quanto elementares.

Inegavelmente, há evidências em quatro locais, o que é indicativo da tecnologia exótica muito além do alcance de qualquer pedra Original* ou kit de ferramentas. Isto remete, embora discutivelmente, há dezenas ou centenas de milhares de anos, mas a antiguidade e sofisticação das evidências traz perguntas que a maioria dos acadêmicos não consegue avaliar ou responder.

Encontrados tanto nos sítios Standing Stones quanto Adam's Garden, constituem pedras artificialmente moldadas que contam, segundo ambos Slater, os Anciãos "Originais" e os Guardiães de Lore, que aquela fora a primeira linguagem em ângulos na rocha, alinhamentos, marcas, letras, sinais de mãos, números, partes do corpo, animais, etc., sendo algo tão enigmático quanto divino.



Figura 27 Pedra moldada artificialmente

De onde vêm as rochas de arenito?

Antes de tentar qualquer entendimento, precisamos atentar à algumas considerações pragmáticas que originalmente não conseguiram lançar luz. Quando se examina pela primeira vez Standing Stones, um fato levantado por Slater é de interesse primordial. Quase todas as pedras marcadas e moldadas, encontradas em ambos os montículos, maior e menor, são de arenito, e, como observado por Slater, o depósito mais próximo dista aproximadamente 20 quilômetros. No que só agrava os questionamentos, encontramos arenitos de granulações fina e grossa, o que significa, logicamente, que alguns arenitos trazidos para este local vieram de um interior muito mais distante que a rocha granulada. Como isto aconteceu, de onde e quem estava envolvido? Essas questões jamais foram totalmente respondidas.

Bem antes de nosso primeiro avistamento de Adam's Garden, um trecho de 175 metros contém dezenas ou centenas de milhares de pedras de todos os tipos imagináveis. Cercada por um manguezal de areia, esta exótica coleção de rochas contém formas, ângulos e marcas artificiais, foi o local de onde as pedras de Standing Stones foram transportadas. O cais fora construído inteiramente em rochas de arenito e não somente de grãos fino e grosso, mas também de diversas colorações. Assim como em Stand Stones, há várias rochas moldadas em pirâmides no Adam's Garden, e o que junta esta conexão é a marcação de uma rocha que contém uma gravura, que em Linguagem Primitiva significa "guia para a verdade."

Este lugar tem um cais/pier, a construção de 9 metros por 5 metros é maior que a costa circundante, e foi o lugar onde os navios descarregavam sua carga. Acreditamos que a expansão de 175 metros contendo dezenas de milhares de rochas era

parte de uma parede de pedra construída ao longo da secção do que originalmente fora a linha costeira. Cerca de 500 anos ímpares atrás, um tsunami atingiu essa parte da costa leste, e, provavelmente atingiu as paredes, e sua ressaca arrastou as rochas caídas de volta para a água. Isso explicaria por que há rochas espalhadas por cerca de 8 a 10 metros riacho adentro e apenas dois metros encosta acima, passando às margens do riacho.

À partir daqui, rochas marcadas e moldadas juntamente com outros bens e objetos sagrados foram enviados da costa para o sítio de Standing Stones e outros locais de importância.

Movendo milhares de metros cúbicos de preenchimento

No entanto, existe um segundo e maior problema ainda não resolvido, relacionado à logística local, antes de questionar-se maiores detalhes. Algumas das pedras utilizadas em ambos os montes pesam mais que 50 quilos, e, mesmo não impossível, seria muito difícil movê-las sem uma roda. Embora seja importante ter em mente que as rochas maiores e mais pesadas não foram aradas na encosta, estas foram guardadas numa espécie de estábulo. Infelizmente, aquelas tábuas de pedra gravadas, ou foram roubadas, ou recuperadas após a Segunda Guerra Mundial.

Ao passo destas questões, não temos elementos o suficiente para pôr em causa as noções sobre como este material exótico (arenito) fora composto. Um segundo - e extremamente divino - monte fora feito de argila, areia branca e vermelha, bem como milhares e milhares de rochas de arenito. Então, estranhamente isto possui 70 metros por 10 metros de monte, sendo que uma parte fora arrancada para se preencher uma estrada ligando as

fazendas circunvizinhas. O solo negro fica muito pantanoso quando molhado e este monte de material seco é extremamente poroso, o que impede que os pneus deslizem no molhado. O monte menor não faz parte da geologia circundante, mas fora transportado para o local. O que contribui para o problema, no que depender dos relatos históricos tradicionais europeus, é que ali consta nada menos do que 3.500 metros cúbicos de preenchimento compondo aquela formação artificial.

Como um povo que supostamente não conhecia nada à respeito da roda, laminação de metais, navios oceânicos, pedreiras de grande escala ou trabalho escravo, conseguiu mover tal tonelagem e colocar tudo isso junto? Ninguém está afirmando que este sítio é europeu. Na verdade, é amplamente aceito e divulgado na imprensa que este monte era um lugar sagrado, conhecido apenas na Austrália, onde os "clever-fellas" e "kaidacha" vinham de todas as partes da Austrália, antes da chegada da raça branca, para cantar, dançar e participar de atividades transcendentais.

Ficando mais pesado

Por mais que seja possível para o povo Original, arrastar pedras pesando até 50 quilos, da costa para uma distância considerável até o interior, todo o cenário se torna complicado quando tentamos entender como as rochas ígneas, com peso acima de 500 quilos, foram movidas pelos Originais e posicionadas em dois arranjos encontrados em Adam's Garden. Ainda lembro que Adam e eu tentando encontrar uma posição adequada à fim de mover com as mãos uma enorme pedra de arenito, e, conseguindo movê-la, talvez, um centímetro, porém transportá-la era algo impossível, apesar de nossos esforços combinados.

Logo atrás do molhe de arenito há uma estrada com aproximadamente 2 metros de largura e não menos que 210 metros de comprimento, serpenteando o trecho sul da colina que se eleva acima de 35 metros. Existem milhares de rochas ígneas, todas ajustadas à partir da estrada ou posicionadas como suporte. Lembro-me recentemente de estar na estrada com o colega Jim Nutter, e ele, fazendo o papel de "advogado do diabo", sugeriu que um velho trator havia limpadado a trilha até os manguezais. Em vez de debater sobre isso, apontei para Jim quatro pedras, de algum peso, cuidadosamente empilhadas umas às outras, perguntando qual lâmina seria capaz de limpar ao mesmo tempo organizando aquele arranjo. Ele, então, concordou num grau moderado, que o arranjo era antigo, mas apressou-se em acrescentar que talvez muito mais tarde um trator fizera os reparos na construção mais antiga.

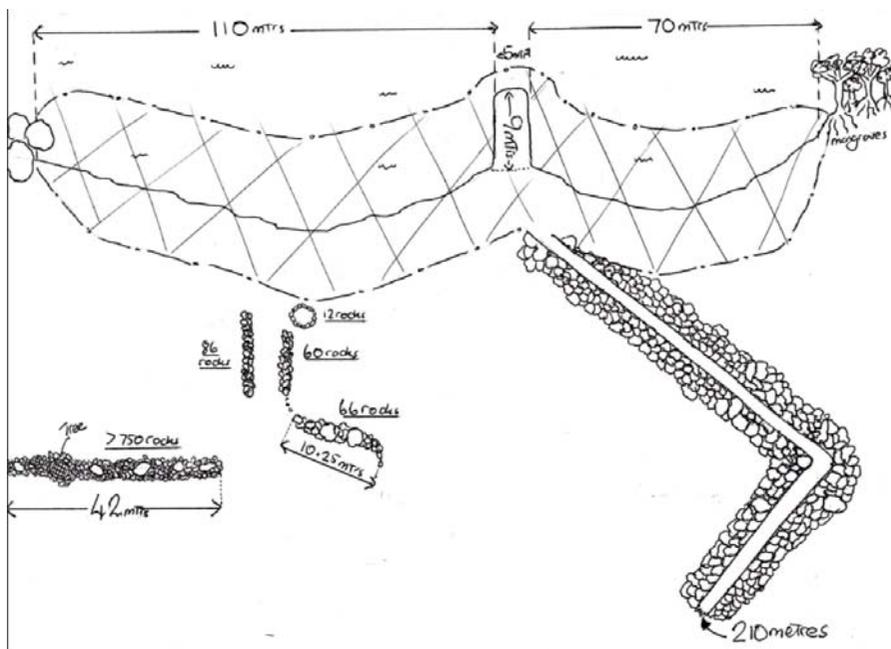


Figura 28 Diagrama de Adam's Garden Standing

Perto dali, há inúmeras lajes de arenito, algumas pesando toneladas, em pé, no Mullumbimby, as quais vieram de algum lugar próximo e foram reposicionadas dentro da cidade e estacionamentos à fim de serem usadas como suportes de placas. Sua origem é desconhecida, através dos meios oficiais, mas não por nós, pois estamos seguros de que todas as rochas importadas, se pesando um quilo ou uma tonelada, foram originalmente enviadas e descarregadas no cais que faz parte do Adam's Garden.

Há uma incógnita nesta equação. A forma como estas pesadas rochas foram transportadas e o exótico preenchimento do monte menor, no sítio de Standing Stones, nesta fase estão destinados à permanecerem hipotéticos. Não temos nenhum "Dreaming Story" (conjunto de crenças espirituais aborígenes) ou guia ancestral, nem tampouco nas traduções de Frederic Slater para recorrer, e assim, sem quaisquer referências sobre como todas estas rochas e preenchimentos foram trazidos, vamos deixar isto como algo desconhecido.

Todos os professores se foram?

Frederic Slater esteve, em 1939, convencido de que contactara com a última fonte de conhecimento em relação à "linguagem primordial" (língua materna ancestral). Ao se corresponder com um colega sobre aquele sítio, Slater avisou-o que "você está trabalhando numa cultura muito mais ampla que eu duvido, seja compreendido pelos aborígenes atuais (sic), mesmo aqueles de partes mais remotas. Os professores se foram todos." Slater foi o único do estado de Nova Gales do Sul (NSW State) a decifrar o escrito Original, qualquer coisa como o egípcio, e que fora muitas vezes empregado pelos conselhos e governos em seus esforços. Tal como o contato direto com pessoas que podem entender e falar, sinalizar, gestualizar e utilizar rochas que compõem a

linguagem primordial falada pelos seres humanos, isto parece perdido.

No entanto, esta proclamação de ausência fora uma das únicas vezes em que Slater se enganou. Conhecemos e conversamos com um dos guardiões da linguagem primordial (Karno Walker) que esteve conosco durante as investigações dos montes e envolvendo a arqueologia.

Entretanto, à parte alguns entendimentos menores, Slater estava em sintonia com muitas observações, mas não mais que oferecendo algumas explicações sobre como os antigos egípcios tinham motivações para navegar grandes distâncias.

Diversas vezes, quando temos vindo apresentar a quantidade e qualidade da arqueologia e relatos orais sobre a presença egípcia na Austrália, alguns críticos têm cedido tão minimamente sobre a hipótese de potenciais visitas diretas, porém ainda estão ensombrados pelos conceitos materialistas da civilização e do progresso. Sabendo que pirâmides, carruagens, cidades e colunas foram construídas no Egito e estruturas não permanentes, rodas, fábricas ou metal foram assumidamente feitos no período "pré-Cook" (período que antecedeu o explorador James Cook) na Austrália, eles veem essa interação em termos de mestre/escravo.

Sempre mantivemos que os ancestrais egípcios vieram como aprendizes místicos ligados ao respeito e servidão dos Mentores Originais. O que surpreende é que mais de 70 anos antes de fazermos esta afirmação aparentemente radical, Slater não foi menos direto ao conceder tal precedência e importância. "Não há dúvidas que os Aborígenes ... não deram somente aos egípcios seus conhecimentos e fundamentos sobre os hieróglifos e sua filosofia, mas formularam a base de todo o conhecimento sobre o início, o agora e o porvir."

Voltando há milhares de anos, para uma Austrália em peregrinação e busca pela excelência espiritual, isto é uma alegação feita por nós muitas vezes. No entanto, propomos que na Austrália está registrada a "base de todo o conhecimento", o que é uma afirmação ousada de se fazer e da qual nunca tínhamos nos entretido, até lermos os comentários de Slater. Após examinar todo o seu trabalho, podemos facilmente entender porque ele faria uma afirmação tão sensacional. De fato, uma vez lendo seus impressionantes e extensos manuscritos, percebemos que Slater fora obrigado a colocar os Primeiros Australianos no centro e no início de qualquer coisa, seja esotérica, espiritual, intelectual ou social. Slater insistiu que o "monte" das 185 Pedras Erigidas (Standing Stones) que originalmente ficavam em cima, eram "a mais antiga forma de templo do mundo". Coerente à este nobre propósito e objetivo, Slater observara que "dentro desse templo você irá encontrar ... a base de todo o conhecimento, toda a ciência, toda a história e todas as formas de escrita." Em atribuição à sequência e precedência, Slater não tinha dúvidas de que o povo Original foi, desde o Homo sapien sapiens, originado "centenas de milhares de anos antes."

De igual forma, Slater também estava convencido de que todas as línguas, não apenas o egípcio antigo, têm sua origem na Austrália. Ao comparar a antiga língua Celta de Ogam, ele estava confiante de que "você irá encontrar esta língua no monte." Esta antiga conexão através da linguagem nunca cessou e continua até hoje, o que explica porque "a língua que se fala atualmente não é o Anglo-Saxão, mas apenas o Aborígene."

Mas não apenas a linguagem, esta conexão está presente atualmente em todas as partes, bem como continuará no futuro.

* O termo "Original" é utilizado no lugar de "Aborígene", que significa "longe da origem", uma vez que não se adequa à descrição dos habitantes indígenas da Austrália.

Encontre Steven e Evan Strong (em Inglês) [em Ancient Origins](#).

Steven e Evan **website** <http://forgottenorigin.com/>

Forgotten Origin **FB Group:** 

Steven and Evan Strong **FB page:** 

YouTube channel - The Forgotten Origins: 

O Antigo Labirinto de Pedra de Bolshoi Zayatsky

April Holloway

Em um pequeno conjunto de ilhas remotas no Mar Branco, na Rússia, encontra-se a maior concentração de labirintos antigos do planeta. Apesar de inúmeras teorias, arqueólogos e historiadores não chegaram a um consenso sobre porque eles foram construídos e qual seu propósito. O labirinto continua sendo um dos mais misteriosos símbolos encontrados na Terra - surgiu, há milhares de anos, no mesmo ponto da história, em todos os continentes habitados - por que?

Atualmente usamos o termo "labirinto" para se referir à qualquer estrutura labiríntica. No entanto, na língua inglesa, encontramos duas definições para o termo, sendo "labyrinth" e "maze", contudo, para a língua portuguesa, costumamos usar apenas o termo "labirinto". Enquanto "maze" refere-se à um complexo e ramificado quebra-cabeça (multicursal) com opções de caminho e direção; enquanto "labyrinth" é um padrão de caminho único (unicursal), sem ramificações, que conduz ao centro.

O labirinto ao longo da história

A palavra "labirinto" vem do grego "labrys", uma palavra para o icônico "machado duplo" usado pelos minoicos na ilha de Creta; e "inthos", que significa "lugar". Então, labrysinthos tem sido interpretada como "casa do machado duplo". O complexo palácio de Cnossos em Creta geralmente está envolvido. Segundo a mitologia Grega, Dédalo, notável artesão, construiu para o rei Minos de Creta o labirinto à fim de esconder o

Minotauro, o meio-touro, meio-homem, filho da esposa de Minos, Pasífae, e um touro. Por alguma razão desconhecida, Dédalo e seu filho Ícaro estavam confinados no labirinto. A construção de asas de pena e cera possibilitou sua fuga ao voarem por cima das paredes do labirinto. Contudo, o jovem Ícaro voou impetuosamente para próximo do sol, suas asas derreteram e ele se afogou no mar de Icária (mar Egeu). Embora a lenda do Minotauro fosse por muito tempo considerada um mito, remanescentes do labirinto de Cnossos foram descobertos no início do século XX pelo arqueólogo Sir Arthur Evans.



Figura 29 Antigo mosaico mostrando o labirinto de Cnossos e o Minotauro

Apesar de muitas formas de labirintos terem sido encontradas ao longo da história, tais como o circuito de sete, onze ou doze, na Grécia e em todo o Mediterrâneo, um símbolo comum, em forma de sete circuitos, fora associado às lendas. Conhecido como o labirinto de Creta, é constituído por um único e sinuoso caminho de volta e para um ponto central, numa série de sete anéis concêntricos. Curiosamente, sua forma também reflete o movimento do planeta Mercúrio no céu durante um longo período de tempo. Será que algum astrônomo antigo registrou

este movimento criando o labirinto com base nisso? Provavelmente nunca saberemos. O primeiro uso que conhecemos do labirinto de sete circuitos ocorre numa tábua de argila do palácio micênico em Pylos, na Grécia. Um incêndio destruiu este palácio por volta de 1200 aC, cozendo a tábua de argila e preservando-a para os arqueólogos.

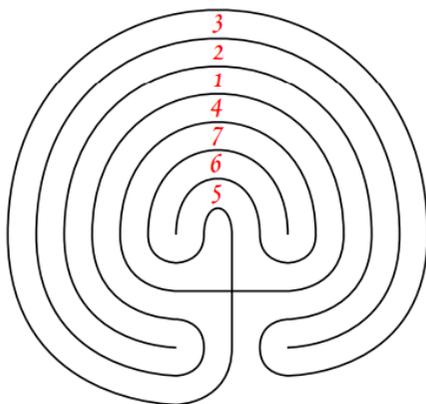


Figura 30 Gravura do labirinto de sete circuitos

Embora a palavra "labirinto" esteja ligada à história e mitologia Gregas, há muitos outros labirintos, mais antigos que a lenda de Cnossos e o Minotauro. Datado de cerca de 4000 anos, é o labirinto mais famoso da antiguidade, o recinto do templo egípcio com uma pirâmide e muitas quadras, construído em Hawara pelo faraó Amenemés III, da décima segunda dinastia (1844 - 1797 aC). Havia doze quadras separadas, de tamanho considerável, todas frente à frente ao longo do labirinto, e ligados por corredores, colunatas e eixos. Becos e portas falsas seladas por tampões de pedra, protegendo a câmara funerária central da pirâmide do rei.

Mas os labirintos da Grécia e Egito são apenas a ponta do iceberg. Labirintos têm sido encontrados em quase todas as tradições religiosas do mundo, formando parte de muitas

culturas, e têm sido encontrados em todos os continentes habitados. Mais ou menos ao mesmo tempo em que surgiu o labirinto grego, outro com padrão essencialmente idêntico surgiu na cultura nativa americana - o labirinto de Tohono O'odham, que representa o l'itoi, o "Homem no Labirinto". Um petróglifo pré-histórico às margens de um rio em Goa mostra o mesmo padrão além de outros exemplos encontrados em arte rupestre ao norte da Índia e em um santuário dólmen nos Montes Nilgiri. Em termos de monumentos arqueológicos, mais de 300 exemplos de labirintos podem ser encontrados em vários locais ao redor do mundo. Muitas questões permanecem em torno de como o mesmo padrão conseguiu aparecer ao mesmo tempo em culturas aparentemente díspares.

Enquanto a história registrada vincula a criação de labirintos à um período em torno de 4.000 anos atrás, os primeiros labirintos são muito mais antigos do que isso e apareceram pela primeira vez em gravuras rupestres do Neolítico e formações de rochas concentradas pela Europa, Escandinávia e Rússia.

Os labirintos de Bolshoi Zayatsky

As Ilhas Solovetsky (ou Solovki) são um arquipélago localizado na Baía de Onega, no Mar Branco, Rússia. Neste local podem ser encontrados trinta e cinco labirintos do Neolítico, conhecidos como "vavilons" (Babilônias) no dialeto local, e que datam cerca de 3000 aC. Os mais notáveis são os labirintos de pedra da Ilha Bolshoi Zayatsky, um grupo de quatorze labirintos numa área de 400 m². Eles estão muito bem preservados e devidamente catalogados, sobre os quais apenas se especula, mas sem qualquer conclusão definitiva sobre sua finalidade.

Além dos labirintos, foram encontrados 850 pilhas de pedregulhos, vários contendo fragmentos ósseos. Outras

formações de rochas descobertas na ilha incluem uma representação do sol, com raios radiais. É em geral aceito que estes antigos labirintos de pedra e formações foram relacionados à crenças espirituais e podem ter simbolizado a fronteira das sortes entre o mundo material e o submundo - a morada mítica dos mortos.

Os labirintos são construídos à partir de pedras colocadas na superfície do solo, e determinou-se que tais pedras foram colhidas localmente. Os labirintos menores contém cerca de seis metros de diâmetro, e o maior, com 25.4 metros de diâmetro. As fileiras de pedras formam espirais, em alguns casos, duas espirais, descritas como algo semelhante à duas serpentes com suas cabeças ao centro. As entradas para os labirintos são, em sua maioria ao Sul, e enquanto há cinco diferentes configurações, cada qual tem apenas um ponto de entrada/saída. Todos os labirintos de Bolshoi Zayatsky são encontrados no lado ocidental da ilha, enquanto a parte oriental apresenta uma coleção significativa de pedras, mas sem labirintos. Embora todos os labirintos estejam repletos de vegetação, suas formas permanecem claramente visíveis.

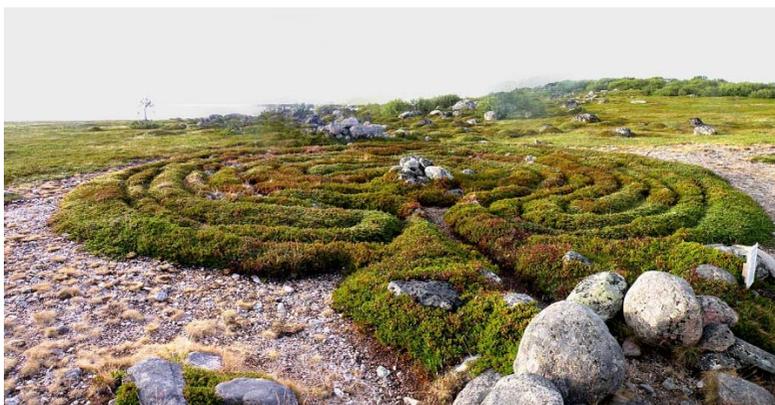


Figura 31 Um dos labirintos de pedra na Ilha Bolshoi Zayatsky

Por que foram construídos os labirintos de Bolshoi Zayatsky?

Várias hipóteses têm sido propostas para explicar porque aqueles colonos do Neolítico empreenderam consideráveis esforços para a construção de inúmeros labirintos de pedra nas Ilhas Solovetsky.

Na década de 1970, a hipótese predominante, adiantada por N. Gurina, foi de que os labirintos foram construídos como armadilhas para peixes. A evidência vem do fato de que todos os labirintos da região foram construídos próximo ao nível do mar e o nível da água era mais elevado há 5.000 anos, quando, segundo acredita-se, eles foram construídos. Os peixes nadavam pela entrada e ficavam presos no labirinto, o que tornava ao pescador mais fácil de capturá-los. No entanto, a grande falha deste argumento é que muitos labirintos foram encontrados no interior, por todo o mundo.

O pesquisador L. Ershov propôs uma teoria diferente. Ershov sustentou que dentro das linhas dos labirintos eram um esquema dos reflexos das órbitas solar e lunar, e assim, os labirintos eram usados como calendários. No entanto, há debates baseados no fato de que os labirintos não possuem uma direção específica em suas entradas.

Uma teoria popular, particularmente entre os círculos esotéricos, diz que o labirinto é um símbolo antigo que representa a totalidade. Ele combina com a imagem do círculo e a espiral num caminho sinuoso, mas proposital. Isto representa uma viagem ao nosso próprio centro e então o retorno para o mundo. Caminhar o labirinto pode ser considerado uma iniciação em que se desperta para o conhecimento. Acredita-se que o caminho do labirinto traz uma mudança para o estado de

consciência e percepção do tempo e espaço. Na verdade, Vlad Abramov, um pesquisador que explorou os labirintos de Bolshoi Zayatsky, descreveu a experiência surreal de andar pela espiral e retornar o caminho do labirinto.

“Após entrar num labirinto e circular várias vezes em torno do centro e deixá-lo através da mesma entrada. Só depois de várias voltas, torna-se claro o quanto você já andou e quanto mais irá andar. Subjetivamente, o tempo para, mas pelo relógio, no grande labirinto terá se passado 15 minutos. É difícil pensar em algo; o caminho é estreito, requer que você avance permanentemente pé por pé. O caminho está espiralando nos sentidos horário e anti-horário. Finalmente - a saída; e você está feliz por ter concluído a jornada.”

Apesar das teorias apresentadas acima, e muitas outras, a teoria aceita hoje em dia, e que fora apresentada por Carl Schuster e Edmund Carpenter descreve que a construção dos labirintos estava ligada às crenças religiosas. Labirintos pré-históricos, acredita-se, serviam como armadilhas para espíritos malévolos, como caminhos definidos para rituais de danças, e/ou como um símbolo para a barreira entre este mundo e o submundo. O arqueólogo A. L. Nikitin sugere que os labirintos, como indicado nas lendas, apontam para as "entradas" e "saídas" de um reino subterrâneo, que podiam ser abertas por aqueles que conheciam a "chave mágica" para esta espécie de porta oculta.

Esta sugestão é consistente com a crença amplamente difundida entre as culturas pré-históricas dos "Três Mundos", segundo a qual os povos antigos pensavam que o universo fora separado em um Mundo Inferior, onde as almas dos falecidos iriam após sua morte, o Mundo Médio, que consiste no plano físico da existência, e o Mundo Superior das estrelas, nuvens e deuses.

Atualmente, as ilhas do extremo norte da Rússia continuam a acenar aos curiosos viajantes e estudantes, ansiosos por resolver os mistérios e o verdadeiro significado do labirinto.

Referências

[Kola Peninsula and Solovki Labyrinths](#) – Solovki

[On semantics of stone labyrinths north](#) – VA Burov

[Solovetsky Labyrinths](#)

[Labyrinthos](#)

[Mystery of Solovki labyrinths](#) – All Russia

[Patterns that Connect: Social Symbolism in Ancient and Tribal Art](#) – Schuster & Carpenter

Encontre April (em Inglês) [em Ancient Origins](#).

April Facebook Page 

A Caverna de Lascaux Fala

Derek Cunningham

Olhando para as antigas pinturas da Idade da Pedra, na Europa Ocidental, uma das perguntas mais difíceis de se responder é a razão para os vários padrões geométricos encontrados entre as muitas representações de animais. Alguns argumentam de que os padrões contêm algo do imaginário "simbólico", no entanto raramente há um acordo quanto ao que este simbolismo significa.

A hipótese de que os enigmáticos padrões lineares, encontrados em sítios arqueológicos podem ser uma forma arcaica de escrita astronômica, e portanto, algo muito importante, mas também porque há outra provável explicação. Contudo, ao contrário de muitas ideias anteriores, o vínculo astronômico é verificável.

A mais importante característica desta hipótese está limitada à lista de valores astronômicos ligados à qualquer medição física do tempo ou previsão exata de eclipses, o que a tira da esfera das opiniões. Neste caso, a teoria é testada inteiramente por seus próprios elementos, ou os dados se encaixam na teoria sugerida; ou ainda, a teoria fora destruída e jamais se ouvira falar novamente.

Para os cientistas, um resultado isolado não faz consenso, nem dois; mas quando os resultados mostram um padrão consistente entre três, quatro, e em seguida cinco amostras estudadas, a teoria tem que ser levada à sério.

A caverna de El Castillo, na Espanha, e as cavernas de Lascaux e Chauvet, na França, são de interesse devido à idade, fama e também pela controvérsia do Dr. Michael Rappenglueck de que as posições dos vários desenhos representam as constelações.

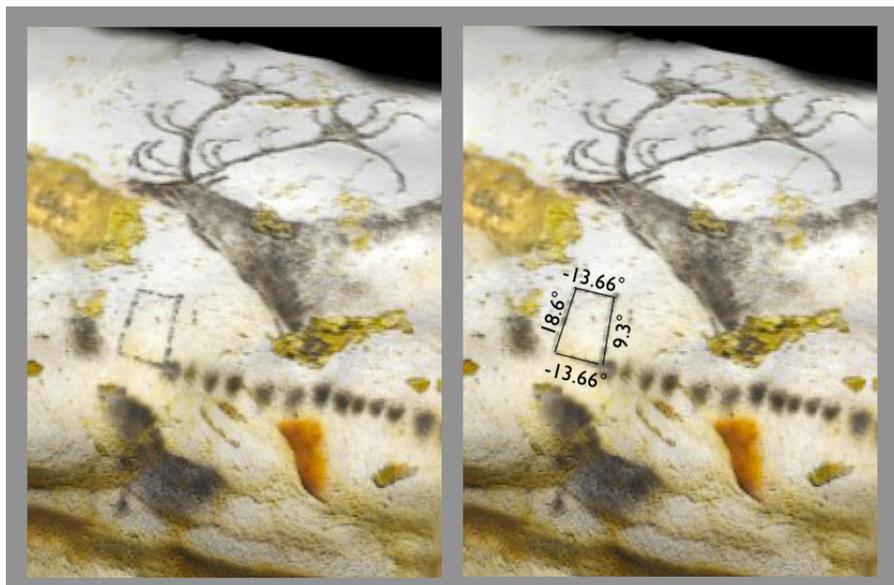
As ideias de Michael Rappenglueck foram revistas em meu livro "400.000 Years of Stone Age Science", em que concordei com grande parte de suas descrições. Eu reparei alguns dados adicionais que confirmam sua hipótese em torno da representação da constelação Coroa Northern Crown (Coroa do Norte, vista apenas do hemisfério norte), na caverna de El Castillo, Espanha. Em meu estudo, os novos dados que mostram pontos secundários e marcas de mãos à esquerda de Northern Cross (constelação Cruz do Norte), identificada por Rappenglueck e marcando posições de estrelas secundárias da constelação Cygnus. Curiosamente, esta sobreposição só ocorre quando usamos um mapa de projeção Mercator, que requer de seus desenhistas conhecimentos sobre o formato e tamanho da Terra. E este é um problema porque os arqueólogos afirmam não haver absolutamente nenhuma evidência de qualquer civilização que tenha viajado pelo planeta, especialmente na distante Idade da Pedra.

A Caverna de Lascaux

Descoberto em 1940, as cavernas de Lascaux formam um complexo de cavernas encontradas na região de Dordogne, à sudoeste da França, e contém uma sensacional coleção de pinturas rupestres do Paleolítico estimadas em aproximadamente 20.000 anos de idade. Este sistema de cavernas, que faz parte do Patrimônio Mundial da UNESCO, contém pinturas incrivelmente bem preservadas de grandes animais, nativos daquela região.

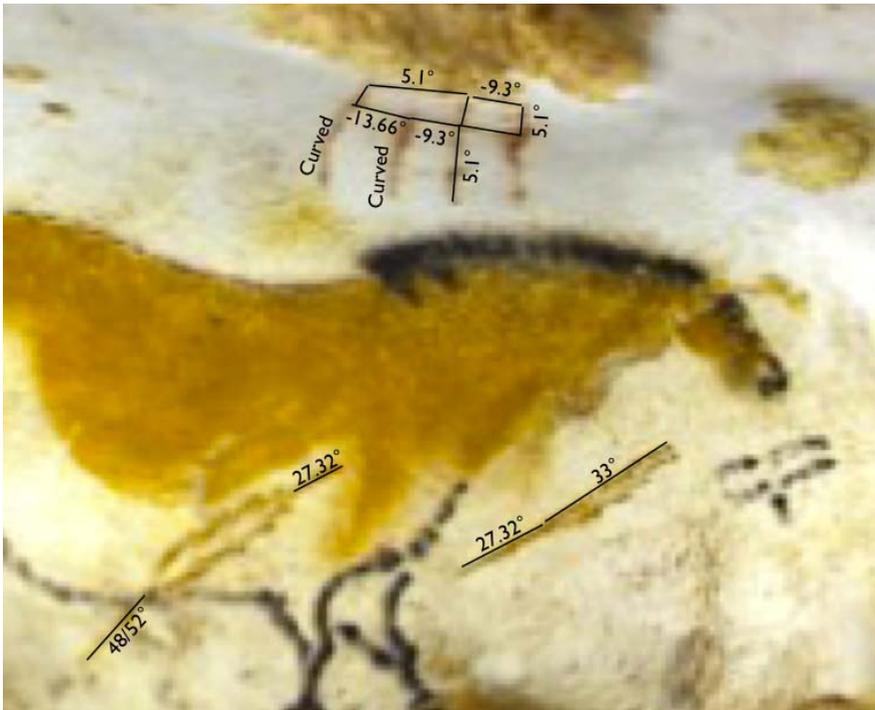
Na entrada da caverna de Lascaux há uma série de padrões geométricos. Mas aquele que realmente se destaca é formado por uma série de 13 pontos provenientes de um desenho em forma de caixa. Para os astrônomos, o número 13 quase sempre evoca o conceito de 13 meses siderais em um ano solar.

Com base na minha teoria de que os antigos astrônomos criaram uma língua escrita empregando ângulos para representar valores astronômicos específicos, tais como o movimento da lua e do sol, seria de se esperar que os ângulos da caixa devam corresponder à 27.32 graus, correspondente ao tempo em dias para um mês sideral, ou uma linha à 13.66 graus para representar a metade de um mês sideral de 13.66 dias.



Tomando o desenho, tal como o previsto em [Lascaux passo à passo](#), dentro do diagrama as linhas superiores e inferiores são atraídas para 13.66 graus, e os elementos verticais esquerdo e direito são atraídos para 18.6 e 9.3 graus, que corresponde à duração total e à metade do ciclo de nutação lunar, respectivamente, ou seja, 18.6 anos. O ciclo de nutação lunar é um valor importante utilizado pelos astrônomos para prever onde e quando um eclipse irá ocorrer. A característica mais importante deste diagrama é que os dados angulares combinam perfeitamente com a interpretação de que os 13 pontos representam o mês sideral.

Viajando mais para dentro da caverna, encontramos outros quatro padrões em forma de grade. O primeiro está sobre um cavalo, e se assemelha à um pente.



Neste desenho, a figura do pente novamente apresenta o valor da metade de um mês sideral como ângulo, e o ciclo de nutação lunar de 18.6 anos bem como um valor de 9.3 anos. Há então, três linhas à 5.1 graus, quer sejam na vertical ou horizontal, que referem-se ao ângulo de deslocamento da órbita lunar plana em relação à sua elíptica.

As quatro linhas de cor acastanhada, retas, abaixo do cavalo são ângulos em 27.32 graus (o mês sideral completo), em 33 graus, o que corresponde, possivelmente, o período de redefinição dos calendários lunar e solar, que após 3 anos possuem cerca de 33 dias de intervalo; e um ângulo de 48 graus à partir da horizontal,

com uma compensação de 52 graus para a vertical. Este ângulo é encontrado em muitas estátuas arcaicas e parece estar relacionado com o ano de 52 semanas. Segundo estudos anteriores, acredita-se que o sentido da direção das barras verticais e horizontais formam um alfabeto básico com as direções definindo as vogais e as linhas (as consoantes) podem estar vinculadas aos alfabetos japoneses do Hiragana e Katakana.

Os próximos padrões quadrados constituem duas grades, dos quais uma não está de frente, o que torna difícil uma análise. Para esse estudo, apenas uma das grades foi analisada.



Aqui verifica-se que as linhas são traçadas para exatamente os mesmos ângulos vistos nos primeiros dois desenhos. Os ângulos mais uma vez foram compensados colocando as linhas à

esquerda ou direita da vertical, ou acima/abaixo da horizontal. Os valores tirados são referentes valor do mês sideral, valor da nutação lunar, o ângulo orbital plano da lua em relação à elíptica, e finalmente um valor em 6.511 graus, que corresponde ao período de tempo entre um eclipse solar/lunar medido em meses draconianos/nodais.

A próxima e final grade quadrada de padrões geométricos encontrados na caverna de Lascaux são os padrões de xadrez.



Aqui não é necessário quase nenhum comentário, exceto a presença de uma linha de onze graus que corresponde à diferença de 11 dias entre os anos lunar e solar, um terço do valor da linha de 33 graus. A linha em 1 grau refere-se ao movimento diário de 1 grau da Terra à medida em que viaja em torno do Sol, valor que é facilmente calculado uma vez que se conheça a duração exata do mês sideral.

Finalmente, há outro desenho em Lascaux à ser analisado: as plêiades em Touro.



Mais uma vez os valores mostrados em Lascaux marcam o passo à passo do mês sideral e o ciclo de nutação lunar.

O fato intrigante é que esses valores angulares aparecem em todos os lugares. Na Caverna Castillo eles estão gravados na parede, debaixo de uma grossa camada de vermelho ocre, o que poderia ser o grafite mais antigo do mundo.



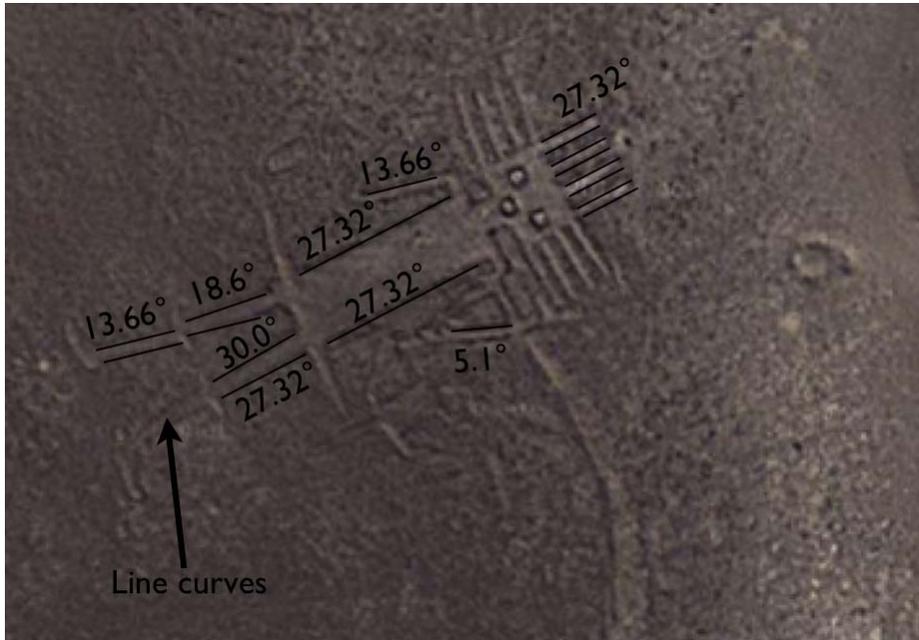
Tais linhas também podem ser encontradas na Caverna Chauvet, de 32.000 anos. O padrão abaixo é conhecido como Aranha de Chauvet.



O mesmo valor angular também é visto no desenho da Garra do Urso de Chauvet

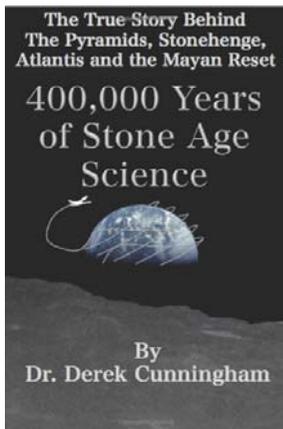


Estes dados, juntamente com aqueles já extraídos de várias figuras arcaicas de Vênus, como as estátuas do Chipre, fornecem uma forte sugestão de que a escrita com base na astronomia existira por toda a Europa durante a Idade da Pedra. Há, porém, outro dado que mostra de forma conclusiva exatamente os mesmos desenhos astronômicos na América do Sul, América do Norte, Austrália, África e Ásia, e só para mostrar que isso é verdade, abaixo, o famoso Gigante do Atacama, localizado no Deserto do Atacama, no Chile, desenhado com os mesmos valores astronômicos mostrados na caverna de Lascaux.



Pela primeira vez em 14.000 anos a caverna de Lascaux fala, e este sopro abre nossa compreensão sobre o passado.

O livro de Derek Cunningham (em inglês):



Publicações sobre o trabalho de Derek:
<http://www.midnightsciencejournal.com>

Agradecimentos especiais para Gary Evans, PR agent, Infinite Connections:



www.Ancient-Origins.net

